



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS  
CURSO DE LICENCIATURA DE CIÊNCIAS SOCIAIS

SUELLEM DE JESUS PEREIRA

**“SER MULHER É EXERCER COM COMPETÊNCIA VÁRIAS FUNÇÕES NO  
LAR”: NEOPENTECOSTALISMO E A CATEGORIA GÊNERO**

TOCANTINÓPOLIS - TO  
2022

**SUELLEM DE JESUS PEREIRA**

**“SER MULHER É EXERCER COM COMPETÊNCIA VÁRIAS FUNÇÕES NO LAR”: NEOPENTECOSTALISMO E A CATEGORIA GÊNERO**

Monografia foi avaliada e apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Ciências Sociais (Licenciatura) para obtenção do título de Cientista Social e aprovada em sua forma final pela Orientadora e pela Banca Examinadora.

Orientadora: Dr.<sup>a</sup> Rita de Cássia Domingues Lopes

Data de aprovação: 10 / 11 / 2022

---

Profª. Dra. Rita de Cássia Domingues Lopes (Orientadora UFT)

---

Profª. Dra. Mariane da Silva Pisani (Examinadora UFPI)

---

Profª. Dra. Chirley Rodrigues Mendes (Examinadora UFT)

Tocantinópolis/TO

2022

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

---

P436" Pereira, Suellem de Jesus .  
"Ser mulher é exercer com competência várias funções no lar":  
Neopentecostalismo e a Categoria Gênero . / Suellem de Jesus Pereira. –  
Tocantinópolis, TO, 2022.

49 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus  
Universitário de Tocantinópolis - Curso de Ciências Sociais, 2022.

Orientador: Rita de Cássia Domingues Lopes

1. Neopentecostalismo. 2. Gênero. 3. Mulher. 4. Estudo de Caso. I. Título

**CDD 300**

---

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer  
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.  
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184  
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

Dedico minha formação à minha amada avó Raimunda Silva, meu avô Pedro Sousa e meu falecido pai José Pereira.

## AGRADECIMENTOS

Sempre almejei adentrar na universidade para ter melhores oportunidades no mercado de trabalho já que minha família não tem boas condições financeiras, sendo consciente disto sempre fui consciente da minha realidade.

Fui criada e educada pela minha avó Raimunda Silva, mulher guerreira, que sempre lutou na vida para passar pelos momentos difíceis, sem ela eu não teria chegado até aqui, conseqüentemente escrito este TCC, ela sempre me motivou dando o apoio necessário.

Passei por muitas dificuldades no seio familiar, tive que sair de casa no último ano da faculdade, mas fui acolhida pelas minhas colegas que me deram apoio psicológico, em especial a Nair Trajano e Leticia Pereira, pelos bons conselhos e energias positivas para continuar, sem elas tudo seria mais difícil.

Agradeço à professora Dra. Mariane Pisani que me acolheu como orientanda no PIVIC, vinculada ao seu grupo de pesquisa ANTROPOS, ali aprendi muito. No grupo comecei minhas leituras sobre a temática de gênero, religião e sexualidade, dando início às pesquisas.

Ter participado do grupo foi essencial para minha formação acadêmica como também no âmbito pessoal, em que a mesma deu conselhos que serviu tanto para a vida profissional como individual.

Este TCC foi escrito no notebook que a professora Mariane Pisani me emprestou, acredito que sem ele seria muito mais complicado ter dado início e finalizado a escrita, então, só tenho a agradecer, sou profundamente grata por tudo, que disse aqui e aquelas que não mencionei, obrigada!

A professora Dra. Rita Domingues me aceitou como orientadora com a redistribuição da professora Dra. Mariane Pisani para a Universidade Federal do Piauí (UFPI). A primeira humildemente me aconselhou no que poderia melhorar no TCC, também concedeu ótimos conselhos, aprendi muito com a professora, é uma excelente profissional, tendo-as duas como inspiração.

Não poderia de deixar de mencionar e agradecer as minhas amigas que obtive na universidade e do curso de Ciências Sociais, a Rafaela Coutinho, Maisa Dias, Fernanda Ribeiro que sempre estiveram comigo, nas minhas dificuldades da faculdade e de cunho pessoal, só tenho a agradecer por tê-las conhecido, estarão comigo sempre nas minhas lembranças.

Por fim, ter passado por inúmeras dificuldades me fortaleceu, possibilitando chegar a esta fase final. Obter o certificado de curso superior é significativo e simbólico, não apenas para mim, mas para minha família e por tantos outros que querem adentrar na universidade. Pois, entrar neste espaço nunca foi fácil, é um lugar disputado e na maioria dos casos das universidades não acolhem devidamente os discentes egressos e os veteranos, fazendo com que muitos desistam dos seus cursos.

Diante de tudo isto, este Trabalho de Conclusão de Curso não foi escrito apenas por mim – ainda que tenha sido eu que escrevi, mas pelo(as) professoras(as) que fizeram parte desse início da minha formação acadêmica, aprendi muito com cada um(a), seja através das críticas acadêmicas e pelos conselhos e ensinamentos referente a mesma.

Além do valor simbólico para minha família e vida privada, foi um tanto difícil chegar até aqui, mas consegui, não sozinha, mas pela ajuda ao longo desses cinco anos de curso que tive das contribuições das minhas amigas, colegas e professor(as) – em especial às professoras Dra. Mariane Pisani e a Dra. Rita Domingues.

Não poderia deixar de mencionar o Flávio que tira xerox para os estudantes por um preço menor ao do valor de mercado, e pelas inúmeras vezes que imprimiu textos, livros para serem pagos quando estivesse com dinheiro, não só a mim, mas a muitos discentes dos cursos da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Campus de Tocantinópolis e aos companheiros de turma, Letícia Barroso, Izabela Reis, Larissa Rodrigues e Joab Silva.

## RESUMO

Este trabalho é conclusão do projeto de iniciação científica iniciado em 2021, que teve por objetivo analisar os marcadores sociais das diferenças (ZAMBONI, 2014) em especial a categoria de “Gênero” que aparece estruturado e organizado nos discursos e práticas da religião neopentecostal. Para o TCC os problemas norteadores foram os seguintes: Quais são as compreensões do que é ser “mulher” para mulheres religiosas neopentecostais? Como a compreensão de gênero numa perspectiva religiosa condiciona suas vidas? A hipótese é que as configurações estruturais religiosas neopentecostais na maioria dos casos são estabelecidas pelas relações de hierarquias, sendo fontes de desigualdades na divisão setoriais e discursivas, baseada na distinção do gênero – feminino e masculino. O objetivo geral da pesquisa é: compreender a categoria gênero entre as mulheres religiosas neopentecostais. Os objetivos específicos são: traçar a história do neopentecostalismo no Brasil; identificar preliminarmente os motivos que levam as mulheres adultas a adentrar numa estrutura dogmática religiosa; identificar como operam os discursos dos representantes neopentecostais, as estratégias e os meios empregados para atrair fiéis; entender os discursos de líderes religiosos nas concepções dos papéis atribuídos ao sexo feminino. Para isso adotamos a junção de duas metodologias – bibliográfica e qualitativa – que proporcionou a escrita do texto a utilização de argumentos consistentes partindo das fontes bibliográficas e das respostas significativas das interlocutoras da pesquisa realizada em 2019 com grupos de dezoito mulheres religiosas em sua maioria do neopentecostalismo. Os resultados demonstram que a religião neopentecostal nas vidas das mulheres interfere em seu cotidiano social, político e individual, nas suas atribuições em casa, na igreja e na rua.

**Palavras-chave:** Neopentecostalismo. Gênero. Mulher. Estudo de caso.

## ABSTRACT

This work is the conclusion of the scientific initiation project started in 2021, which aims to analyze the social markers of differences (ZAMBONI, 2014) in particular the category of “Gender” that appears structured and organized in the discourses and practices of neopentecostal religion. Having as a research problem, it is based on the idea that the neo-Pentecostal religious structural configurations in most cases are established by the relations of hierarchies, being sources of inequalities in the sectoral and discursive division, based on the distinction of gender - female and male. The general objective of this research is: to understand the gender category among neopentecostal religious women. The specific objectives are: to trace the history of neopentecostalism in Brazil; to preliminarily identify the reasons that lead adult women to enter a dogmatic religious structure; to identify how the discourses of neo-Pentecostal representatives operate, the strategies and the means used to attract the faithful; understand the discourses of religious leaders in the conceptions of roles assigned to women. The problems that guided this research were the following: What are the gender understandings that neo-Pentecostal religious women have? How does understanding gender from a religious perspective interfere in their lives? Why do adult women enter and follow a dogmatic religious system? For this, we adopted the combination of two methodologies - bibliographic and qualitative - which allowed the writing of the text to be created with consistent arguments based on bibliographic sources and the significant responses of the participants of this work - to the interlocutors of the research carried out in 2019 with groups of eighteen religious women of neopentecostalism, for the most part. The results demonstrate that the neo-Pentecostal religion in the lives of women interferes in their social, political and individual daily life, in their attributions at home, at church, on the street.

Keywords: Neopentecostalism. Gender. Woman. Case Study.



## LISTA DE SIGLAS

ANPOCS	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais
ANTROPOS	Antropologia Social e Interseccionalidade
EIG	Evangélicas pela Igualdade de Gênero
ELAEPCI	Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
ONG	Organização Não Governamental
PIVIC	Programa Voluntário de Iniciação Científica
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFT	Universidade Federal do Tocantins

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 A HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL .....</b>	<b>15</b>
<b>3     DISTINÇÕES     HISTÓRICAS     DO     PENTECOSTALISMO     E       NEOPENTECOSTALISMO .....</b>	<b>19</b>
<b>4     LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE RELIGIÃO NAS CIÊNCIAS       SOCIAIS .....</b>	<b>22</b>
<b>4.1 As dimensões e prerrogativas da religião para os autores clássicos das Ciências       Sociais (Marx, Durkheim e Weber) .....</b>	<b>22</b>
<b>5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE GÊNERO.....</b>	<b>27</b>
<b>6     COMO A CATEGORIA GÊNERO APARECE MOBILIZADA NAS IGREJAS       PENTECOSTAIS/NEOPENTECOSTAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>6.1 Aspectos das categorias da moralidade, testemunho/confissão, angústia, vazio e       refazer de mundo.....</b>	<b>32</b>
<b>6.2 Dados da pesquisa qualitativa realizada em 2019 .....</b>	<b>34</b>
<b>6.3 As relações de gênero advindas da compreensão do que é ser mulher para mulheres       religiosas da cidade de Tocantinópolis.....</b>	<b>36</b>
<b>7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>37</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>40</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No ano de 2019 estive vinculada ao Grupo de Pesquisa “Antropologia Social e Interseccionalidade” (ANTROPOS), coordenado pela professora Dra. Mariane da Silva Pisani na Universidade Federal do Tocantins (UFT)<sup>1</sup>, antes mesmo de adentrar no grupo de pesquisa eu já me interessava pela temática religiosa, nas formas que se operam na sociedade, de como concebem suas relações e de igual modo influenciavam as subjetividades dos indivíduos, determinando suas escolhas e condutas. No ANTROPOS tive a oportunidade de me aprofundar na temática religiosa, de gênero e sexualidade, lendo artigos e livros indicados pela professora Dra. Mariane Pisani.

Em 2019, quando entrei no grupo, eu e a professora criamos questionários com questões semi abertas utilizando a ferramenta *Google Forms* com questões que nos possibilitaram compreender como a categoria “mulher” era entendida por mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis–TO, com o objetivo de perceber como as relações de gênero eram estabelecidas a partir da religião ao qual faziam parte.

Os questionários foram compartilhados via *WhatsApp* para mulheres conhecidas próximas a mim que frequentavam alguma denominação religiosa, e estas, por sua vez, compartilharam com outras mulheres religiosas, através desta rede social foram obtidas 18 respostas. Nesta primeira fase analisamos as respostas obtidas cuidadosamente, feito isso reformulamos as perguntas e criamos outro questionários para serem aplicados presencialmente, mais uma vez, questionários semi abertos contendo perguntas pensadas e formuladas para mulheres religiosas de diferentes denominações da cidade de Tocantinópolis-TO, abrangendo as vertentes pentecostais e neopentecostais, obtendo 23 respostas.

A mesma foi apresentada no I Encontro do Laboratório de Estudos e Pesquisas sobre Cidades e Imagens (ELAEPCI) na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), em forma de banner ainda em 2019, e apresentada pela coautora na 44º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) em 2020<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Foi professora no curso de Ciências Sociais na UFT até junho de 2022. Atualmente é professora adjunta na Universidade Federal do Piauí.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt19-28/12233-articulando-genero-e-religiao-na-cidade-de-tocantinopolis-to-articulating-gender-and-religion-in-tocantinopolis-city-to?format=html>. Acesso em: 24 set 2022.

Em setembro de 2021 a agosto de 2022 fui bolsista no Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) com o projeto intitulado “Resgate bibliográfico sobre os usos das categorias analíticas ‘Gênero’ e ‘Sexualidade’ no contexto da religião Pentecostal no Brasil”.

Meu interesse sobre a temática religiosa se intensificou durante a minha trajetória de pesquisa, principalmente no que diz respeito às constituições das relações de gênero dentro da instituição religiosa, os discursos do(as) pastor(as) e/ou líderes religiosos(as) sobre a sexualidade e os espaços concedidos ou não para a população LGBTQI+ nessas doutrinas religiosas pentecostais e neopentecostais.

Logo, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) é resultado do projeto de iniciação científica, com a iniciativa em analisar os marcadores sociais das diferenças (ZAMBONI, 2014) em especial a categoria de “Gênero” aparecem estruturados e organizados nos discursos e práticas da religião neopentecostal, em pesquisas realizadas e publicadas por professores/as e pesquisadores/as da área das Ciências Sociais.

A categoria de Gênero foi historicamente marcada por desigualdades, assim como nos dias atuais em determinados contextos sociais. Quando observamos o Gênero no olhar científico na área das Ciências Sociais, nos contextos religiosos neopentecostais, notamos fenômenos sexistas, não em todas as denominações religiosas, mas em algumas, sendo assim, necessário investigar como ocorrem estes processos, os meios e mecanismos discursivos religiosos para propagarem as diferenças, possibilitando assim identificarmos os mecanismos empregados por estas congregações para dissipar discursos das diferenças.

Os problemas que nortearam esta pesquisa foram os seguintes: Quais são as compreensões do que é ser “mulher” para mulheres religiosas neopentecostais? Como a compreensão de gênero numa perspectiva religiosa condiciona suas vidas? Por que as mulheres adultas adentram e seguem um sistema dogmático religioso?

Partimos da ideia de que as configurações estruturais religiosas neopentecostais na maioria dos casos são estabelecidas pelas relações de hierarquias, sendo fontes de desigualdades nas divisões setoriais e discursivas, baseada na distinção do gênero – feminino e masculino – e ainda na perspectiva dos dilemas vivenciados na vida dos sujeitos que procuram a religião para suprir suas dificuldades sociais e individuais.

O objetivo geral desta pesquisa foi: Compreender a categoria mulher e gênero entre as mulheres religiosas neopentecostais. Os objetivos específicos são: traçar a história do neopentecostalismo no Brasil; identificar preliminarmente os motivos que levam as mulheres adultas a adentrar numa estrutura dogmática religiosa; os meios empregados para atrair fiéis; os entendimentos das funções e deveres adquiridos pelas mulheres neopentecostais.

A pesquisa é de cunho qualitativo com dados da pesquisa de 2019 estruturadas nas técnicas de questionários e entrevistas semiabertas e resgate bibliográfico/histórico sobre o neopentecostalismo no Brasil, por meio de consultas em artigos buscados no portal de periódico Scielo<sup>3</sup> e livros. É importante salientar que a frase contida entre aspas no título da monografia é uma das respostas obtidas de uma das interlocutoras na pergunta: “o que é ser mulher?”.

A pesquisa qualitativa é o tipo de pesquisa que estuda os sujeitos imbricados num contexto social, econômico e político - na maioria dos casos, no qual o pesquisador busca responder e compreender um problema de pesquisa, privilegiando as vozes ou respostas dos indivíduos. Os três tipos metodológicos de pesquisa mais utilizados são: as de tipo documental, etnográfico e estudo de caso. Para estes tipos de pesquisas é necessário buscar técnicas que auxiliem a captar ao que se deseja, para isto diferentes técnicas podem contribuir, seja por entrevistas, questionários, observação participante Godoy (1995). Para esta pesquisa adotamos o estudo de caso que em termos gerais:

[...] se caracteriza como tipo de pesquisa cujo objetivo é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. [...] Quando o estudo envolve dois ou mais sujeitos, duas ou mais instituições, podemos falar de múltiplos casos. Aqui podemos encontrar pesquisadores cujo único objetivo é descrever mais de um sujeito, organização ou evento, e aqueles que pretendem estabelecer comparações. [...] (GODOY, 1995, p. 25-26)

Enquanto a pesquisa bibliográfica precisa partir de uma problematização generalizada em direção à uma delimitação específica de um problema social. Significa dizer que a pesquisa bibliográfica problematiza um fenômeno social, das relações sociais e de suas estruturas institucionais, para isso é imprescindível o contato com textos de pesquisas que já pensaram e pesquisaram a respeito de determinado tema ou assunto. Diz o autor Gil (2008);

[...] Essa problematização, por sua vez, não constitui tarefa simples. Requer experiência, doutrina, reflexão e debate. É algo que decorre da vida intelectual do pesquisador. [...] O pesquisador precisa tomar cuidado com um certo número de livros e artigos de periódicos para que possa formular um problema viável. Pode ocorrer mesmo que o pesquisador tenha que passar por sucessivas reformulações e revisões bibliográficas – para que possa dispor de um problema em condições de ser pesquisado. (GIL, 2008, p. 72)

Este tipo de pesquisa metodológica de cunho bibliográfico deve seguir certos passos para que sua elaboração seja eficiente e bem elaborada, buscando cobrir lacunas neste processo. Gil (2008) estabeleceu etapas a serem seguidas na pesquisa bibliográfica, sendo desde o início do plano de trabalho até o final. As etapas são: Formulação do problema;

---

<sup>3</sup> Portal que concentra artigos de diferentes áreas publicadas em revistas científicas.

Elaboração do plano de trabalho; Identificação das fontes; Localização das fontes e obtenção do material; Leitura do material; Confeção de fichas; Construção lógica do trabalho; e Redação do texto

Nestes moldes meu interesse foi em estudar a temática religiosa tendo em vista o recorte de Gênero, inicialmente desejei uma problemática específica, posteriormente passando por reformulações neste trajeto, selecionando cuidadosamente, lendo a bibliografia tomando como base a problemática de pesquisa e o que desejamos responder neste processo.

Para isso, não utilizamos fichas bibliográficas e de apontamentos como propôs o autor, mas ficheiros escritos no caderno, ou seja, para cada texto lido, anotava-se os argumentos considerados importantes contendo o título, autor(as), ano de publicação, revista e as páginas. Isto possibilitou que eu não me perdesse e confundisse os argumentos, encontrando-os facilmente para serem utilizados na escrita.

Isso não é muito diferente da sugestão da metodologia científica de Gil (2008), visto que somente não utilizei fichas, mas o caderno para as anotações bibliográficas, servindo tanto a esse estilo como de fichas de apontamentos. A junção das duas metodologias – bibliográfica e qualitativa – proporcionou que a escrita do texto fosse criada com argumentos consistentes partindo das fontes bibliográficas e das respostas significativas das participantes deste trabalho – às interlocutoras.

O Trabalho de Conclusão de Curso foi dividido nos seguintes capítulos: A história do Pentecostalismo no Brasil; Distinções Históricas do Pentecostalismo e neopentecostalismo, Levantamento bibliográfico sobre religião nas Ciências Sociais; As dimensões e prerrogativas da religião para os autores Clássicos das Ciências Sociais (Marx, Durkheim e Weber), Levantamento bibliográfico sobre Gênero, Como as categorias gênero aparecem mobilizadas nas igrejas Pentecostais/neopentecostais; Aspectos das categorias da “moralidade”, “testemunho/confissão” e “angústia”, “vazio”, “refazer de mundo”.

## 2 A HISTÓRIA DO PENTECOSTALISMO NO BRASIL

O movimento pentecostal no Brasil surgiu a partir de influências estrangeiras trazidas pelo italiano Luis Francescon e os suecos Daniel Berg e Adolph Gunnar Vingren vindos de Chicago nos Estados Unidos no início do século XIX, entre os anos de 1910 e 1911 (CAMPOS, 2011), estes por sua vez, receberam revelações divinas – de Deus – para dissiparam a doutrina pentecostal na América Latina – especificamente no Brasil.

Luis Francescon criou a denominação Congregação Cristã no Brasil, inicialmente nas colônias italianas existentes nos estados de São Paulo e posteriormente Paraná, enquanto Daniel Berg e Adolph Gunnar Vingren foram para outro estado do Brasil para dar início a igreja Assembleia de Deus em Belém-PA.

O crescimento das duas denominações pentecostais pioneiras, a princípio foi lenta. A Congregação Cristã no Brasil, por ter iniciado entre a colônia italiana, somente às vésperas da Segunda Guerra foi se espalhando para fora dos limites culturais e linguísticos da colônia italiana em São Paulo e no Paraná. A Assembleia de Deus, aproveitando a volta de milhares de nordestinos dos seringais agora esvaziados da Amazônia, foi se expandindo pelo Norte-Nordeste brasileiro. Nos anos 1930 já começava a se instalar no centro-sul do País. (CAMPOS, 2011, p. 510).

Segundo Castro (1995) este foi o primeiro momento pentecostal do Brasil, o início das denominações ocorreu em 1910, mas se consolidaram como instituição religiosa nos anos posteriores – em 1911 em diante, desde então as duas denominações foram se difundindo para novas cidades e estados brasileiros, alcançando mais pessoas. Outro fator a se destacar foram as dissidências ocorridas, pois outras denominações religiosas surgiram a partir das já existentes – Congregação Cristã no Brasil e da Assembleia de Deus – se instalando com ideologias próprias e valores distintos.

Pelo fato dos fiéis não concordarem com as convicções das duas igrejas, percebendo que as crenças, atitudes religiosas e as pregações dos seus líderes se contradiziam, ou mesmo não iam de acordo com suas crenças individuais, por discordarem e estarem inconformados com a doutrina passando a se desvincularam da igreja, aderindo a outras denominações religiosas ou criando suas próprias, com os preceitos que consideravam adequados.

No século XX a sociedade brasileira passou por inúmeras mudanças de cunho social e econômico, e como já dito, outras igrejas de vertentes pentecostais surgiram (CAMPOS, 2011), bem como outros personagens nesta metade de século, como dois pregadores americanos chamados Harold E. Willians e Raymond Boatright.

[...] Harold Williams, que fora missionário na Bolívia, se encarregou de estender o movimento ao maior país do continente. Williams iniciou a expansão da obra em 1953, usando uma estratégia diferente da de outras congregações: as tendas de lona. [...] (CASTRO,1995, p.36).

Os mesmos inicialmente começaram campanhas de avivamento espiritual em igrejas protestantes, nos quais ficaram conhecidas como um movimento interdenominacional intitulada de “Cruzada Nacional de Evangelização” (CAMPOS, 2011) no Brasil, tempos depois, as igrejas protestantes se recusaram a continuar cedendo espaços para estes pregadores pentecostais.

Daí a solução foi retornar com as tendas de lonas para os cultos de avivamento espiritual, para chamar os fiéis para participar dos cultos, para isso utilizaram canais de rádios para divulgarem os dias, locais e horários, servindo como fontes propagandistas das práticas de avivamentos espirituais. Então:

Com as tendas de lona, estratégia que torna o trabalho “mais próximo do povo”, os resultados não tardaram a surgir. Harold Williams e Raymond Botright, igualmente vindo dos Estados Unidos, chegaram à cidade de São Paulo, onde divulgaram as atividades do novo movimento. [...] A ênfase na cura divina funcionou como verdadeiro fator de desenvolvimento dessa seita, que já em 1964 contava com 25 mil membros. [...] (CASTRO, 1995, p.36).

A bibliografia revela que houve certa aproximação do pentecostalismo entre os anos de 1950 e 1960 com as igrejas protestantes históricas. No entanto, as denominações protestantes rejeitaram o caráter espiritual e trans-denominacional proferidos pelos pentecostais, visto que os primeiros praticavam de forma rigorosa a prática da oração e jejum, prática esta que os aproximava de Deus e Jesus, diferentemente dos segundos que proferiram de maneira mais assídua o avivamento espiritual deixando para segundo plano a oração. Dado este fato e de muitos outros, novas denominações surgem decorrentes dessa cisão entre o entre protestantes e pentecostais.

[...] tão logo encerrado o ciclo-criação da nova denominação como aconteceu na IPB (Igreja Presbiteriana do Brasil), na IPI (Igreja Presbiteriana Independente do Brasil), entre os batistas (Convenção Batista Nacional) e entre os metodistas (Igreja Metodista Wesleyana), as tensões ressurgiam no interior das antigas igrejas já afetadas antes pelas cisões, como se ali nada houvesse acontecido (CAMPOS, 2011, p. 514).

Com estas cisões nos anos 1950 e 1960 houve maior concorrência religiosa no cenário brasileiro, com isso no início da década, os protestantes buscaram formas de difamar os pentecostais e suas igrejas por meios de jornais, revistas e livros. Bom exemplo disso foi o jornal eletrônico “O Estandarte” que publicou uma série de artigos intitulados “Invasões pentecostais” escrito pelo pastor que mais estava exposto à presença pentecostal, reverendo Manoel Machado, do norte-nordeste” (CAMPOS, 2011, p.524).

Preliminarmente é importante lembrar que o contingente da população brasileira da vertente protestante histórica dos séculos XIX e XX diminuiu, em contraste ao



pentecostalismo que só tendeu a aumentar, devido às ações de acolhimentos perante as populações rurais e pobres que se fez presente especialmente nos anos 1950, quando a sociedade brasileira estava passando pelo processo de industrialização e urbanização na metrópole paulistana, período ao qual o estado era destaque pelas grandes indústrias, provocando a ida significativa de indivíduos de outros estados para São Paulo.

Através disto, aconteceu movimentações de grupos rurais para as cidades paulistas, nos quais os nordestinos estavam saindo da sua região em busca de empregos, momento aquele que soava como oportunidades de vagas impregatistas nas indústrias que existiam e as que estavam sendo implementadas. Diz Castro:

Com os contingentes migratórios que aumentaram a disponibilidade de mão-de-obra para a construção civil e para o parque industrial do Sudeste, houve um aumento significativo de população, ou o que alguns, autores denominam de “inchaço”, nas capitais e cidades circunvizinhas. [...] Os casos dos nordestinos em São Paulo é notável. Fugindo da seca e das más administrações em seus estados de origem, baianos, pernambucanos, cearenses, entre outros, rumaram para a cidade grande. Como algumas “grandes obras” (isto ocorre sempre na construção civil) são periódicas, em seu término parte considerável da mão-de-obra é dispensada, ficando sem emprego e em consequência sem salário. [...] (CASTRO, 1995, p.108-109)

Outra característica que fez com que aumentassem os adeptos pentecostais nesse período foram as formas de como lidaram com estas novas populações pobres, pois “[...] experimentava-se nas cidades o dilema do desemprego e da falta de perspectiva de vida, a necessidade de uma vida comunitária e de um sentido de irmandade, a ausência de um centro organizador e integrador da existência [...]” (CAMPOS, 2011, p. 517).

Neste sentido, essas populações desfavoráveis economicamente, que se encontravam em situações precárias, sem o básico para viver, sem acesso ao saneamento básico (água encanada e esgoto), energia elétrica, saúde e comida para sobrevivência, estando à margem da sociedade, expostos às diversas doenças que a falta do saneamento básico gera, e sem assistência de políticas públicas promovidas pelo Estado. Logo sem perspectivas concretas de um futuro melhor, buscando fontes alternativas para amenizar seus sofrimentos provenientes destas circunstâncias.

[...] Se as condições no mundo são precárias, quando aparece um discurso negador do “presente século” ele é bem acolhido por todos aqueles que são marginalizados e desprezados pela sociedade. É nesse contexto que o pentecostalismo se desenvolve. A insegurança e a falta de assistência tornam-se constantes, e o apego as outras alternativas de sobrevivência se faz presente na vida dos segmentos mais pobres. [...] O pentecostalismo vai surgir como uma opção no sentido de que as populações sofridas busquem o que alguns autores consideram como “proposta de vida”, através por exemplo da cura divina. (CASTRO, 1995, p.111 a 113).

Em consequência disto, nos últimos anos cresceu os números de simpatizantes e fiéis pentecostais, principalmente com as estratégias empregadas pelos líderes religiosos, pastores e bispos da vertente. Os anos de “[...] 1980 em diante começou a atingir uma nova camada da população urbana, as classes médias baixa, média-média e eventualmente algumas pessoas da classe média alta [...]” (CAMPOS, 2011, p.514).

Campos (2011) diz que o pentecostalismo interfere no imaginário dos seus fiéis, utilizam de suas pregações televisivas e das de rádios como marketing para atrair mais pessoas, se assemelhando na lógica de religiões-empresariais.

Um bom exemplo do uso dessa estratégia para atrair público foi e continua sendo até os dias atuais a Igreja Universal do Reino de Deus que através do proselitismo de práticas exorcista, com usos de óleos, acabam cooptando os olhares dos públicos e visitantes. Dado que traz à tona quem está visualizando a perspectiva de mudanças, de curas dos problemas, seja de cunho financeiro, psicológico, ou mesmo de saúde aos fiéis da igreja ou aqueles que visitam o Templo de Salomão<sup>4</sup> neste intuito.

Campos (2011) trata das três fases do pentecostalismo no Brasil, a primeira fase seria quando os primeiros missionários americanos chegam no Brasil entre 1910 e 1911, criando as primeiras religiões; a segunda fase acontece nos anos 1950 com a mudança social e econômica citada anteriormente, e os conflitos com o protestantismo histórico, enquanto a terceira fase, começa nos anos de 1970-1980 com as estratégias empresariais, comerciais e de marketing adotadas pelo neopentecostalismo, conhecida como uma religião atrativa, com técnicas de curas, avivamentos, milagres, estratégias de visibilidade midiáticas, atraindo multidões de fiéis por todas as capitais e cidades brasileiras (BISPO, 2021).

Bispo (2021), estudioso do neopentecostalismo e da denominação da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) mostra bem em seus artigos as técnicas e estratégias empregadas pelos seus líderes para atrair mais públicos, através do proselitismo (dom da fala, do convencimento) e apelação dos sofrimentos dos fiéis pelos discursos, enfatizando o sofrimento e melhorias futuras para este problema se permanecerem indo à igreja, seguindo os ensinamentos bíblicos.

---

<sup>4</sup> Sede da Igreja Universal do Reino de Deus em São Paulo.

### 3      **DISTINÇÕES      HISTÓRICAS      DO      PENTECOSTALISMO      E** **NEOPENTECOSTALISMO**

A palavra pentecostal vem de Pentecostes, evento marcado pela efusão do Espírito Santo, cinquenta dias após a ascensão de Cristo. No Livro de Atos, capítulo 2, está a narrativa sobre esse evento, quando os apóstólicas se encontravam reunidos em Jerusalém. [...] (CASTRO, 1995, p.20)

Apresentada a origem da palavra pentecostal para o referendado autor. Agora precisamos distinguir as características básicas dos dois termos, portanto, o movimento/vertente pentecostal surgida em contexto norte-americano e o neopentecostalismo.

No Pentecostalismo, os padrões, as práticas e os discursos pentecostais, se formaram nos moldes americanizados, dos séculos XIX e início do XX, em que os pregadores da doutrina realizaram o “avivamento espiritual”. Nos “[...] movimentos de reavivamentos espiritual há relatos de manifestações físicas e psíquicas, como êxtases, visões de vultos e glossolalia, atribuídas à ação divina. [...]” (CAMPOS, 2005, p.104).

Acreditavam que Deus estava voltando à terra para pegar os salvos, tendo em vista isso, o reavivamento seria uma das melhores formas da salvação, de chegar perto de Deus, e de que maneira acontecia isso? Através da presença do Espírito Santo manifestadas em seus corpos, ocasionando tipos de práticas imediatas, como pular, rodar, cair no chão e uma das mais conhecidas falar em línguas estranhas.

Trazendo uma definição clara desta manifestação corporificada, o indivíduo com o Espírito Santo em seu corpo, no momento pode apresentar as práticas ditas acima, em consonância as falas que não podem ser entendidas por quem está presenciando, mas sabem o porquê daquela manifestação, diferentemente do público externo que vai visitar a igreja, assistindo por uma noite o culto etc.

O exemplo de um indivíduo que vai a igreja e presenciou tal fato, mas não sabe necessariamente o que está acontecendo com os fiéis tendo em suas vistas tais comportamentos, vai entender no momento ou depois que alguém explica que o indivíduo estava ou esteve com a manifestação do Espírito Santo consubstanciadas pelas “línguas estranhas”.

O Neopentecostalismo vai surgir nos anos de 1960 para 1970, este por sua vez vai trazer novos elementos (se utilizaram/utilizam dos meios de comunicação para dissipar as pregações, através de canais televisivos, rádios, as redes sociais, baseadas em estratégias que auxiliam alcançar maiores públicos e atraí-los para suas igrejas), diferentemente da vertente

ao qual se originou – o pentecostalismo. Estratégias são empregadas como dizem os antropólogos, sociólogos e historiadores do neopentecostalismo, como as designadas “estratégias de visibilidade midiáticas” e/ou chamam também da terceira onda (BISPO, 2021), como alguns estudiosos designam o nascimento da vertente.

Desde a chegada e implementação do pentecostalismo nos anos 1910 e o neopentecostalismo nos anos de 1960, marcados como momentos históricos e sociais diferentes, a tecnologia naquele primeiro momento não era tão desenvolvida e aperfeiçoada como foi nos anos posteriores.

A comunicação utilizada através dos canais televisivos, as rádios, as mídias em geral, foram caracterizadas como avanços tecnológicos e sociais, pois, as sociedades que obtinham e/ou tinham acesso eram denominadas como sociedades avançadas em termos tecnológicos, assim o que eram transmitidos por esses meios tecnológicos eram assistidas por um número considerável da população. Logo, a revolução tecnológica foi:

Um dos eixos analíticos mais tradicionais na bibliografia socioantropológica a respeito do pentecostalismo consiste na reflexão de como se efetivam suas relações com as mídias em geral. A chamada “terceira onda evangélica” brasileira é rotineiramente caracterizada pelo rompimento com o *ethos* ascético protestante das correntes clássicas devido à utilização ampla e efetiva dos meios de comunicação de massa nos processos de evangelização, tendo como exemplo máximo os manejos midiáticos efetuados pela IURD (Freston 1994; Mafra 2002; Almeida 2009). (BISPO, 2021, p. 26).

Deste modo, o neopentecostalismo se define como a capacidade dos setores das igrejas buscarem e financiarem economicamente as mídias televisivas, rádios (com programas próprios) para difundir a mensagem religiosa, como formas táticas de atrair mais pessoas para suas igrejas. Isso tem alcançado parcela significativa nas classes populares, principalmente em virtude dos espetáculos de curas mágicas vistas nos programas de TV.

Assim como foi nos anos 1950, é nos dias atuais as camadas sociais mais carentes economicamente da sociedade brasileira, tem sido os principais alvos das estratégias midiáticas desempenhadas por algumas vertentes neopentecostais, tendo em vista que já desenvolvem ações para atraírem respectivamente este público, com táticas utilizadas para esta finalidade, seja de modo estratégico ou não, gerando efeito nessas populações.

DaMatta (2004) disse que as religiões suprem as necessidades dos indivíduos de buscarem respostas a seus problemas, dando explicações e justificativas as dificuldades perpassadas, dando perspectivas e melhorias futuras. Dado que as camadas populares perpassam por inúmeras dificuldades cotidianas, de toda natureza, já que a população pobre

não tem condições econômicas suficientes, alguns vivem quase à base da miséria, tendo alimentação em alguns dias e outros não, diferentemente dos ricos e brancos.

Segundo Mariano (2004):

Sem perder necessariamente sua distintividade religiosa, as igrejas neopentecostais revelam-se, entre as pentecostais, as mais inclinadas a acomodarem-se à sociedade abrangente e a seus valores, interesses e práticas. Daí seus cultos basearem-se na oferta especializada de serviços mágico-religiosos, de cunho terapêutico e taumatúrgico, centrados em promessas de concessão divina de prosperidade material, cura física e emocional e de resolução de problemas familiares, afetivos, amorosos e de sociabilidade. Oferta sob medida para atender a demandas de quem crê que pode se dar bem nesta vida e nesse mundo recorrendo a instituições intermediárias de forças sobrenaturais. Com tal estratégia, empregada também no evangelismo pessoal e eletrônico, atraem e convertem majoritariamente indivíduos dos estratos pobres da população, muitos deles carentes e em crise pessoal, geralmente mais vulneráveis a esse tipo de prédica. Não obstante o apelo sistemático à oferta de soluções mágicas configura uma prática usual nas religiões populares no Brasil, observa-se, no caso neopentecostal, tal procedimento, diferentemente do que ocorre no catolicismo popular, por exemplo, é orquestrado pelas lideranças eclesiais e posto em ação nos cultos oficiais e por meio do evangelismo eletrônico (MARIANO, 2004, p.124).

Então, não poderíamos deixar de mencionar a Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) que é uma denominação entre as mais conhecidas, em que esta instituição doutrinária religiosa se empenhou em utilizar os recursos midiáticos, principalmente a rede televisiva. Atualmente a Rede Record de Televisão tem como proprietário o bispo Edir Macedo, que produz novelas bíblicas e utiliza esse meio para transmitir os cultos, programas e convidar os telespectadores a visitarem o Templo de Salomão, local onde é transmitido os programas televisivos (os cultos).

Desde a fundação da mesma em 1980, adotou os meios eletrônicos para dissipar a evangelização, financiar estes meios de divulgação religioso para alcançar lares por toda as regiões brasileiras, as transmissões ao vivo, com atos de testemunhos, milagres, sermões, as bênçãos alcançadas pelos fiéis, quem assiste anseia tais milagres em suas vidas. Dito isso, é necessário lembrar que a audiência está nas camadas mais pobres da população (MARIANO, 2004). No próximo capítulo abordaremos as concepções das religiões para os autores clássicos das Ciências Sociais.

## **4 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE RELIGIÃO NAS CIÊNCIAS SOCIAIS**

### **4.1 As dimensões e prerrogativas da religião para os autores Clássicos das Ciências Sociais (Marx, Durkheim e Weber)**

Nas Ciências Sociais os autores clássicos Émile Durkheim, Karl Marx e Max Weber, pensaram a religião de modos distintos, partiram de observações de contextos históricos diferentes bem como de estudos e pesquisas em que o culto ao sagrado ou sobrenatural eram de contextos sociais distintos, assim como as manifestações das crenças na vida dos sujeitos. Joaquim Costa fez apanhados de algumas obras dos autores clássicos da sociologia supracitados no seu livro “Sociologia da Religião” (2009). Adiante abordarei as questões discutidas pelo autor.

Começando por Karl Marx, Costa (2009) diz que o filósofo Marx observou a Idade Média chamada como “Idade das Trevas”, período histórico ao qual a Igreja Católica controlava a vida da população europeia fazendo com que os indivíduos pensassem e enxergassem o mundo numa determinada maneira, sendo assim, “[...] A “Idade das Trevas” o foi quando as suas ideias, representações e conceitos, dominavam os homens. Assim, bastaria para o conhecimento esclarecido, mudar as idéias para que o mundo mudasse. [...]” (COSTA, 2009, p.24).

Prosseguindo, Costa referendando a obra “A Ideologia Alemã” (1975) de Karl Marx e Friedrich Engels, encontrou no livro períodos na história que os autores os denominam como primitivos, que seria o modo pelo qual o homem ainda viveria da própria atividade individual ou coletiva no mato, caçando para a própria sobrevivência, lá no início da humanidade especificamente. Ao passo que a humanidade, as sociedades se desenvolveram chegando à divisão social do trabalho, havendo estágios históricos que os sujeitos passaram a atuar de acordo com os processos de desenvolvimento social.

Isto é, as interações sociais de outrora era realizada por grupos de pessoas, de pequenas comunidades que pensavam antes de agir, premeditaram o que faziam para bem próprio ou comum, e por este simples fato se distinguiam dos animais que agiam por instintos, a consequência disto é que iam atrás do próprio alimento na floresta, com o passar dos anos a sociedade criar novas formas de interação e meios que auxiliam na subsistência e as interações sociais, nos quais se resumem para Marx através de fatores de submissão, marcado quando os homens, mulheres e crianças vão para as fábricas, saindo de suas moradias situadas no campo para as cidades. No início:

Este começo é tão animal como a própria vida social nesta fase; trata-se de uma simples consciência gregária e, neste aspecto, o homem distingue-se do carneiro pelo simples fato de a consciência substituir nele o instinto ou de o seu instinto ser um instinto consciente”.

Passemos a um outro período. O homem cria a agricultura, o pastoreio, a caça organizada; trata a pedra, extrai minério, constrói abrigos, fabrica ferramentas, faz trocas, instala a divisão do trabalho. Ou seja, um cenário menos limitado das relações dos homens com a natureza acompanha um cenário menos limitado das relações dos homens entre si. Juntando um terceiro fator, temos também uma consciência menos limitada, uma ideologia elaborada, uma religiosidade mais sistemática; *máxime*, teremos especialistas nestes domínios (sacerdotes, juristas, moralistas etc.). A conclusão é lógica: “A consciência é, pois, um produto social e continuará a sê-lo enquanto houver homens” (COSTA, 2009, p.25-26).

Prosseguindo, houve três períodos históricos que segundo Costa (2009) Marx basicamente definiu em três fases, a primeira seria a primitiva, a segunda a agrária e a terceira a industrial. A primeira fase era aquela ao qual o homem apenas caçava, esse fazer o distinguia do animal pelo fato de pensar e não agir por instinto, como acontece com os animais; a segunda fase os sujeitos criaram maneiras para cultivar e colher a própria alimentação – pela agricultura, pastoreio – por última, surgiram as indústrias manufatureiras pela de mão de obra feminina, masculina e juvenil, ali a comunidade camponesa passa a sobreviver pelo salário.

Émile Durkheim, por sua vez, buscou estudar as formas mais elementares das sociedades simples, a menos desenvolvida nos aspectos sociais, assim, “[...] o princípio metodológico de Émile Durkheim é o de investigar um fenômeno a partir das suas manifestações mais elementares, antes de passar às mais complexas – são elementares que não resultam da combinação de outras anteriores (teoria da morfologia social). [...]” (COSTA, 2009, p.44).

Segue o autor dizendo que Durkheim vai “[...] ao encontro – bibliográfico – das tribos primitivas da Austrália, sobretudo a Central, em voga na etnografia da época, no fim do século XIX, encaradas como a crisálida primitiva da humanidade ou como uma máquina do tempo.” (COSTA, 2009, p.45).

[...] Dizemos de um sistema religioso que ele é o mais primitivo que nos é dado observar quando preenche as duas condições seguintes: em primeiro lugar, se encontra em sociedades cuja organização não é ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade; é preciso, além disso, que seja possível explicá-lo sem fazer intervir nenhum elemento tomado de uma religião anterior. (DURKHEIM, 1996, p.05).

Na obra “As Formas Elementares da Vida Religiosa” (1996) Durkheim deixa evidente a forma com a qual as sociedades simples se constituíram sem grandes complexidades, as formas pelas quais se organizam internamente e as bases de convivências com os outros baseadas por regras estabelecidas, valores e religiosidade que se aplicam para todos. Duas

categorias dicotômicas foram abordadas pelo autor o “profano” e “sagrado”, o primeiro seria as práticas negativas que o indivíduo deve se distanciar, o segundo é a prescrição ditada pela comunidade, os comportamentos e crenças que os praticantes devem nortear suas ações.

Sendo efetivadas nas práticas os valores e o culto ao sagrado, dessa maneira vai ocorrer aquilo que Durkheim conceituou como *coesão social*, que é um padrão uniforme de condutas e crenças ao sobrenatural, logo gera uma coesão local por ser exercida por todos(as) os indivíduos da comunidade.

Aqui, a religião assume o sentido cognitivo dos indivíduos, na percepção de que a realidade e percepção de mundo vão se caracterizando pelas crenças nas mitologias, simbolizando nas relações sociais as diferenças entre homens e mulheres, gerando a subordinação do segundo perante o primeiro ou vice-versa, ou mesmo mantendo igualdade social entre os dois sexos.

Ainda destacando a visão durkheimiana os “[...] vínculos individuo/sociedade. Os ritos reforçam o sentimento de pertença ao grupo, revigoram a crença, lembram-na. Uma religião vive de práticas, símbolos, crenças e modos de renová-los” (COSTA, 2009, p.49).

Passando para o economista Max Weber, a sociologia weberiana não buscou estudar e dar explicações sobre as religiões, e nem fez uso do método etnográfico para analisar o fenômeno religioso como fez Durkheim. Em contrapartida procurou compreender as causas e motivações que condicionam as ações e as atitudes dos protestantes calvinistas nas práticas cotidianas. Costa fazendo usos da obra “Economia e Sociedade” (1983) de Max Weber diz:

A sociologia de Weber não é unilateral ou monista. Ao contrário do que se divulgou, para ela não são as idéias religiosas a determinar a conduta econômica – nem “antes pelo contrário”: não é a consciência religiosa a determinar as condições de existência nem estas a determinam. A totalidade é interativa. Weberianamente, não faz sentido (a não ser como exercício) opor interesses e idéias, conceitual e causalmente. Mesmo que ajamos por interesses, são as idéias que definem a nossa percepção do que é o nosso interesse. O calvinista tem interesse em acumular, mas porque a fortuna pode ser um sinal da sua eleição [...] não perde muito tempo com a “essência” da religião: nem chega a defini-la. Remete-a para o âmbito dos “poderes ‘suprasensíveis’ que podem intervir no destino do homem, da mesma maneira que este intervém no do mundo exterior”. Os objetivos, os fenômenos, deixam de ser apenas objetos e fenômenos, pois por trás deles “esconde-se algo estranho, peculiar, anímico, de que aqueles não passam de sintomas ou símbolos, deve-se influenciar o poder que neles se exterioriza utilizando meios adequados ao ‘espírito’ ou á ‘alma’, meios que ‘significam’ algo: símbolos”. O ato “significativo” (simbólico) produz um efeito real. (COSTA, 2009, p. 59-61)

Em linhas gerais, a religião para Karl Marx, condiciona ao mascaramento da realidade social dos indivíduos, fazendo com que se tornam seres *alienados*, não enxergando as situações que vivem, aceitando sem questionamentos os ensinamentos da religião, com interpretações que subordinam o povo a se conformarem com as situações que estão,



enquanto para o sociólogo Émile Durkheim a religião se torna um aspecto de *coesão social*, por se reger de modo subjetivo e prático pelo grupo e/ou sociedade, enquanto Marx Weber propôs interpretar as ações do indivíduos ocasionado pelo dogma, conhecido como *método compreensivo* da religião, como melhor o fez em um dos seus livros mais importantes “A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo” (1905), que compreende as ações dos protestantes calvinistas na Europa.

[...] Durkheim, numa abordagem funcionalista dos fatos sociais, atenta-se ao papel que a religião desempenha na coesão social, concluindo que ela é uma projeção da própria sociedade, criada por ela mesma. Já o materialismo histórico adotado por Marx deixa-o atento à produção social e o faz assumir que, como produto social, a religião é um aspecto alienante do conflito de classes. E Weber, por sua vez, buscando interpretar a ação social do indivíduo por meio de um método compreensivo, tem a religião como um aspecto que pode determinar a ação (COSTA, 2007, p. 19).

Émile Durkheim, buscou compreender como o fenômeno da religião se constitui através dos elementos mais simples, isoladas, que não tiveram o mínimo de contato com os outros, no que diz respeito ao que “não é ultrapassada por nenhuma outra em simplicidade; é preciso, além disso, que seja possível explicá-lo sem fazer intervir nenhum elemento tomado de uma religião anterior.” (DURKHEIM, 1996, p.05). Para ele, as crenças, os ritos e as criações de deuses acontecem a partir de acontecimentos da natureza antes vivenciado pelo grupo, (seja tempestade, raios e assim por diante), eventos da natureza que caracteriza momentos convenientes para buscar súplicas durante estes acontecimentos, para que intervenham no meio e lhe possibilitam as melhores condições para suportar determinadas circunstâncias.

Observam ainda que assumem cenários e perspectivas diferentes para observar o fenômeno em questão, para Marx (*ideologia alienante*), Durkheim (*coesão social*) e Weber (*método compreensivo de religião*). Desta forma, para alguns é visto de modo negativo bem como função explicativa na experiência subjetiva e prática dos indivíduos no meio social.

Para Durkheim (1996) a *coesão social* é um dos principais elementos, pelo fato do que é entendido como profano e sagrado - os deuses, os rituais, assumem primeiramente a função da mudança dos ensinamentos na subjetividade sendo reafirmada como valores na experiência cotidiana, por ser coletivamente exercida.

No contexto da criação das primeiras indústrias na Europa nos primórdios do século XV ao XVIII respectivamente, Karl Marx analisa o trabalho na fábrica e a a atividade do trabalhador como escravizado, trabalhando mais de dezesseis horas por dia, recebendo o

mínimo, gerando lucro ao empregador, para Marx a religião age como uma forma de ideologia, visto que tenta encontrar no indivíduo a realidade social que assume.

Por fim, Weber, por sua vez, compreendeu a religião Protestante Calvinista na Europa, interpretando e explicando como os adeptos a esta religião manejavam sua fé. Entendeu que para esta doutrina religiosa os fiéis deveriam abdicar do ato de gastar, era preciso poupar e guardar dinheiro para poder ser salvo, conseguir sua vaga no céu, em consonância com a priorização da rotina de trabalho, já que com o trabalho possibilitaria dinheiro para guardar na poupança.

Encerramos este capítulo, seguindo para o último discutindo a categoria “Gênero” fazendo um apanhado histórico de como foi tratados e elaborados esta categoria e de como aparece nos espaços neopentecostais.

## 5 LEVANTAMENTO BIBLIOGRÁFICO SOBRE GÊNERO

Desde que se sabe através dos estudiosos, em especial historiador(as) e antropólogo(as), antes mesmos da sociedade chegar ao que conceituamos como industrialista e capitalista, já havia grupos/povos originários e/ou tradicionais que criaram formas para tratar a religiosidade. “Desde os primórdios da humanidade, a religiosidade faz parte da essência e vivência de Deus, através dos mitos de criação do mundo (cosmologias). [...]” (MONTE, 2009, p. 249).

Antes mesmo da modernidade/contemporaneidade a religião já existia, manifestada de diferentes maneiras, em agrupamentos isolados ou não, sendo cultivadas crenças em divindades. As mulheres nestes distintos grupos praticam certas atividades, enquanto aos homens outras, havendo proibições as crianças, e mesmo as mulheres adultas e idosas, a estas direcionadas exclusivamente para as atividades na agricultura, a estarem presentes compartilhando do mesmo espaço e cultos dos homens, ou serem tidas pela cosmologia como inferiores perante aos homens, ou os deuses serem somente homens, ou sendo o contrário, os homens são inferiores às mulheres, tendo apenas deusas, os homens ficando responsáveis pela agricultura a medida que as mulheres pela caça e proteção da aldeia/grupo/povo.

Isto significa que as regras variam de uma sociedade/comunidade/aldeia para outra, bem como as cosmologias (as diversas percepções do surgimento e/ou criação do mundo), vários deuses e várias deusas.

Nas sociedades simples<sup>5</sup> às regras e distinções de fazeres entre os homens e mulheres são exercidas sem haver críticas, levando em conta que as práticas diárias, das regras seja ela ditada por deuses dos cultos ou vindas de outras formas reforçam as crenças dos praticantes. Monte (2009) diz que:

Segundo os autores Paim, Prota e Rodriguez (1997), a alma humana possui o instinto religioso; surge assim o que chamamos de religião, tendo se manifestado, ao longo da história, em todas as partes do mundo, em circunstâncias múltiplas. A exemplo dos Dayak, de Bornéu (ilha asiática), citado por Eliade (1992), bem como para outros povos primitivos, o mito cosmogônico influencia os princípios que governam a existência cotidiana. Em virtude dessa complexidade, faz-se necessária o uso da palavra religiosidade para definir esta tentativa de re-ligação com o divino, que difere tanto em sinônimos quanto em dogmas, a depender da religião em questão. As religiões se constituem de sistemas simbólicos com significantes e significados particulares, logo, portanto, do ponto de vista de um indivíduo religioso, caracteriza-se como a afirmação subjetiva da proposta de que existe algo transcendente, extra/empírico, maior, fundamental e mais poderoso do que a esfera que nos é imediatamente acessível através do instrumental sensorial humano.

---

<sup>5</sup> Trata-se das sociedades que não se baseiam na divisão social do trabalho, isto é, as atividades são comuns e praticamente as mesmas, visto que não adotaram os mesmos padrões de desenvolvimento das sociedades complexas em que os indivíduos passam a desempenhar papéis sociais diferentes entre si (MONTE, 2009).

Portanto, é um universo multidimensional, que se revela nas interfaces da fé, através dos rituais, pela experiência religiosa, na constituição das instituições e contribuição de um código próprio da ética que versará e refletirá as condutas desses indivíduos. Com efeito, caracterizando-se por um sistema de compreensão e interpretação do mundo, caberá a esta responder às questões referentes à origem do universo, pela interpretação cosmológica de encontrar o sentido para a vida, alimentar esperanças para o futuro transcendente da vida atual, o ajustamento emocional, a segurança cognitiva ao enfrentar problemas de dor e morte, sinalizar com a possibilidade de resposta e compensação à variada gama de sofrimentos. Vale ressaltar que estes sofrimentos são oriundos das mais diversas causas, desde doenças, relações pessoais, relações sociais opressivas, intervenções médicas e técnicas, regras de conduta, padrões éticos até cataclismos naturais. (MONTE, 2009, p. 249-250).

Do mesmo modo que Monte (2009), a socióloga Linda Woodhead (2013) leva em consideração os cuidados em se generalizar as religiões como fonte essencial em fornecer a divisão de poder, ou melhor, estabelecer quem tem poder e os/as quem não tem. Sem querer partir da generalização. Mas os papéis provindos da divisão social da sociedade estão presente em certos contextos sociais, seja marcado pelo sexo, naquilo que a socióloga vai chamar de “divisão sexuada” – baseadas no sexo feminino e masculino, como por exemplo algumas doutrinas religiosas tradicionais - as católicas e protestantes (WOODHEAD, 2013).

A autora não remete ligações de poder de ordem pentecostal ou neopentecostal, mas acrescento que estas religiões reforçam as divisões de poder tendo em conta a hegemonia masculina que existem nestas religiões, em que as lideranças, utilizam dos espaços que possuem e o poder da palavra para tomadas de decisões nos discursos das diferenças e deveres dos homens e mulheres.

Nos momentos de pregações prevalecem a ordem masculina em grande maioria, utilizam do discurso de que quem determinou foi Deus e os mandamentos bíblicos é a prova desta validação

Não são em todas as religiões que encontramos estes tipos de características baseadas na divisão sexuada de poder, em particular cada caso é um caso, que precisa ser estudado individualmente como adverte Woodhead (2013). A autora diz que:

Para abordar as ligações teóricas entre religião e gênero é preciso primeiro conhecer que os dois são usados para representar, encarnar e distribuir o poder na sociedade, mas também expor as conexões entre esses dois sistemas de divisão do poder. [...] Por intermédio de suas práticas ao mesmo tempo simbólicas e materiais, a religião é capaz de reforçar as relações de dominação de gênero ou ajudar a transformá-las. Uma religião, em uma época determinada, está estruturalmente ligada à ordem sexuada da sociedade a qual ela pertence [...] (WOODHEAD, 2013, p.79-80)

A socióloga adverte que são quatro tipos as relações de poder dentro de um sistema religioso, que marcam a separação levando em consideração a divisão sexuada, pelo sexo

masculino em detrimento do feminino, ordenada pela autora como “consolidante, “tática”, da “busca” e como “contracultura” (WOODHEAD, 2013). Portanto:

Uma religião pode, primeiramente, contribuir de modo pleno à ordem sexuada existente e servir para reproduzir e legitimar a desigualdade entre os sexos entre seus membros, ou aqueles que se colocam em sua órbita de ação (religião consolidante). Ela pode, também, ser parte atuante dentro da ordem sexuada, sendo utilizada para conquistar poder de seu interior, numa empreitada subversiva em relação à ordem dominante (religião tática). Em terceiro lugar, uma religião pode ocupar uma posição marginal na divisão do poder entre homens e mulheres, mas ser utilizada como um meio de conquistar este poder a partir de fora, sem necessariamente buscar questionar a ordem em vigor (religião como busca). Por fim, uma religião que ocupe uma posição marginal pode ser utilizada para contestar, perturbar e redistribuir a divisão sexuada do poder (religião contracultural) (WOODHEAD, 2013, p. 80).

Pesquisar a categoria de Gênero dentro de uma estrutura religiosa é desafiador e necessário. Para o/a pesquisador/a, visualizar as formas de distribuição de poder dentro da igreja é de certa forma mais visível, pois quando estamos de fora de uma estrutura no qual suas bases são formadas na “divisão sexuada” percebemos com maior rigor o funcionamento desta doutrina religiosa.

Diferentemente daqueles que fazem parte do ambiente, já estando familiarizado com as normas estabelecidas, não sendo tão exploradas a crítica a qual foi estabelecida, desde que afete diretamente a um quanto ao outro, mas se houver um certo desconforto ao que foi ou está sendo imposto, os que estão incomodados criam maneiras para amenizar os desconfortos, ser utilizado como uma religião de busca (WOODHEAD, 2013).

Mas os fiéis podem estar de acordo com as estruturas da “religião consolidante” (WOODHEAD, 2013), não impondo mudanças no modo como funcionam e se estabelecem enquanto doutrina religiosa, concordando com os discursos de seus líderes, quando estes fixam funções e deveres para as mulheres e os homens, nos deteremos aqui somente nas mulheres.

A validação da “religião consolidante” pode ser melhor identificada na pesquisa realizada em 2019 feita por mim e Profª. Dra. Mariane Pisani (PEREIRA; PISANI, 2021), que abarcou mulheres religiosas de igrejas diferentes da mesma vertente neopentecostal. A pesquisa teve dois momentos para obtenção dos dados como já abordado na introdução, de modo que, no primeiro foram elaborados questionários com questões semiabertas e compartilhados via *whatsapp* apenas para mulheres que congregavam em alguma denominação religiosa, e foram obtidas respostas de mulheres que são protestantes e neopentecostais; o segundo momento foi criado outro questionário com questões semi abertas aplicado presencialmente tendo como base o primeiro, mas sendo as perguntas mais direcionadas.

No segundo questionário as perguntas tratavam de: como era ser mulher; quais deveriam ser as vestimentas adequadas, elas deram duas definições básicas sobre o ser mulher na igreja. Foram oito entrevistadas que se distinguiram entre as mulheres cristãs e as religiosas.

Se tratando de como é ser mulher, em termos gerais obtivemos as seguintes respostas: A mulher virtuosa seria a comprometida com o esposo, com a educação adequada dos filhos, com o cuidado doméstico, acima de tudo segue os mandamentos bíblicos e aos discursos ditos pelos pastores da igreja.

Se tratando das vestimentas, as mesmas deveriam ser longas, de preferência abaixo do joelho, maquiagens fortes como por exemplo batom vermelho não seria o adequado, permitido apenas *gloss* ou de tonalidade frias/suaves se tratando das mulheres virtuosas, já as vestimentas são:

[...] roupas, vias de regra, precisam estar em um tamanho adequado: “*vestidos precisam estar na altura abaixo do joelho*”. Por conseguinte, as vestimentas que descreviam eram aquelas que cobriam em certa medida o corpo, como as blusas que deveriam ser de mangas [...] Para as interlocutoras esse padrão de vestimenta indicam decência e respeito do espaço religioso. É prerrogativa que as vestimentas não devem atrair olhares do sexo masculino. (PEREIRA; PISANI, 2021, p.5)

Na pesquisa as interlocutoras sabiam quais eram os seus deveres e funções dentro de casa, na igreja, com os filhos e com os seus comportamentos dentro da igreja e fora dele. As normas ditadas na igreja e as interpretações tidas sobre os ensinamentos bíblicos influenciaram na subjetivamente delas sendo corporificadas na prática. A elas não interessavam se eram impostas ao lugar de submissão, estavam conformadas naquele lugar e todas as suas determinações.

Passemos agora para a visão histórica de Gênero pela historiadora Joan Scott (1995) no qual o Gênero tomou nossos paradigmas de discussões, principalmente na metade dos anos de 1960 e em 1970 com a emancipação dos movimentos feministas dos Estados Unidos, passando a se assumir como categoria carregada de conotações analíticas, isto significa que ao longo da história da humanidade, em diversos contextos as mulheres existiam de forma submissa, destinada a ficar dentro de casa exercendo atividades domésticas, cuidando dos filhos e sempre disposta ao marido. (PEREIRA; PISANI, 2021).

Com o movimento feminista (SCOTT, 1995) em consonância com as mudanças institucionais acerca dos direitos e garantias das mulheres as perspectivas mudaram. Visto que, o corpo é uma perspectiva performática apreendida no contexto da interação com o

outro, logo, o corpo não seria condicionado a um gênero específico – o feminino e masculino (TEIXEIRA, 2014). Assim sendo:

O termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e mulheres. Trata-se de uma forma de referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1995, p. 75)

Em contextos religiosos os corpos femininos ainda ficam condicionados às perspectivas dogmáticas pautados pelos sentidos de adequação, atravessados por discursos daqueles que pregam e pelos evangélicos bíblicos nos quais “podemos entrever linhas de forças que conflagram subjetividades profundamente marcadas por compromissos de gênero inscritos num modelo familiar” (ALTIVO, 2016, p. 178) e numa moralidade considerada adequada às fiéis.<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Este contexto está associado às pesquisas desenvolvidas pelas antropólogas Jaqueline Teixeira e Bárbara Ativo, no contexto Pentecostal, dentro do segmento da Igreja Universal do Reino de Deus (o mesmo segmento que estudei e tinha iniciado a pesquisa de campo).

## **6 COMO A CATEGORIA GÊNERO APARECEM MOBILIZADAS NAS IGREJAS PENTECOSTAIS/NEOPENTECOSTAIS**

### **6.1 Aspectos das categorias da Moralidade, Testemunho/Confissão, Angústia, Vazio e Refazer de mundo**

Nos constituímos subjetivamente na aprendizagem com o outro, com os saberes, as práticas e as vivências dos indivíduos que nos rodeiam, naquilo que nos é transmitido e compartilhado. Fatores estes que ocasionam em ensinamentos entre sujeitos, principalmente no que diz respeito ao que se considera como certo e errado, que vai refletir nas ações dos indivíduos. Portanto, é naquilo que julgamos como correto, justo, negativo, bom, mal, ruim, que se constitui como valores para os indivíduos em sociedade, no seu meio, na sua comunidade.

Assim sendo, a formação dos valores gera os elementos que fundamentam na criação da moralidade, visto que, tanto os lados positivos como negativos julgados pela sociedade do qual fazemos parte – como o é na instituição religiosa, se denominam como sendo algo moral ou imoral, respectivamente. Deste modo, tanto a primeira quanto a segunda se constituem como valores, então, moral/imoral e valores se complementam, um não existe sem o outro, sendo lados norteadores dos sujeitos no meio social no qual estão inseridos.

O antropólogo Raphael Bispo (2019) analisou vídeos de ex-artistas da televisão que se tornaram evangélicas, da vertente neopentecostal, comparando-os um ao outro, sobre três personalidades públicas (a ex-bailarina Andressa Urach prostituta e/ou profissional do sexo), Valéria Valenssa (ex-dançarina da GLOBELEZA da TV Rede Globo) e Viviani Bruniere (ex-namorada do jogador de futebol Ronaldinho Gaúcho e prostituta e/ou profissional do sexo), ambas vivenciaram momentos difíceis que deixam marcas profundas em suas vidas, tais como sofrimentos, vazios, angústias, que nessas circunstâncias buscaram se refazer do “antes”, na experiência angustiante, para um “depois” que seria marcado como uma reconstituição dos seus valores e na fé em Deus (BISPO, 2019).

O “antes” seria a vida de pecados, das imoralidades, da falta de Deus em suas vidas, já o “depois” seria a reconstituição como indivíduos transformados, adeptos as moralidades, atribuídos na conversão e aceitação em Deus, das regras bíblicas convertidas em ações e transformações da subjetividade.

Estas personalidades femininas expuseram suas vidas na mídia, deste modo, momentos em suas vidas eram noticiados em sites de fofoca, muitas das vezes gerando elogios, mas na grande maioria marcados por críticas determinado comportamentos imorais



ou inadequados forma. Andressa Urach e Valéria Brunieri, venderam-se sexualmente em prol do dinheiro. Tais atitudes provocavam em si, dor na alma, “vazio” e “angústia” que são expressões de densa profundidade temporal, revelando tormentos fugidios, de difícil explicação para o narrador e que se estendem pela história do sujeito, indo muito além de um marco traumático (BISPO, 2019).

As angústias e a solidão, para elas foram o modo que escolheram para se performarem no mundo, eram percebidas pelos outros de modo negativo como amorais, diferentemente da Valéria Valenssa, posto que os sentimentos supracitados acima foram causados após sua demissão da Rede Televisiva da Globo, como dançarina do quadro *Globeleza*.

Em testemunhos gravados em vídeos, falam para o público da igreja que as assistem seus pecados, buscando traçar uma temporalidade de suas trajetórias de vida até ali, ou melhor, das escolhas erradas que ocasionaram em pecados, remetendo a este “antes” para ser transmitido na busca do “depois” que seria “refazer o mundo” como mulheres convertidas, frequentadoras da igreja e praticantes e respeitadoras dos ensinamentos bíblicos.

Logo, “[...] O momento do testemunho é o ápice de publicização dessa mudança interna das subjetividades do convertido, quando ele tenta convencer a todos de que não houve só uma mudança de sua “aparência” e “comportamento”, mas de seu “eu mais íntimo.” (BISPO, 2019, p.129).

Esta atitude é usada em algumas denominações pentecostais, qual seja, o testemunho e a confissão, existente por muito tempo na história da humanidade, teve seu auge na alta e baixa Idade Média institucionalizado detidamente pela Igreja Católica. Os conceitos das duas palavras anteriores são distintos, pois, a “confissão” naquele contexto estava associada aos relatos dos segredos íntimos, falando de si, dos seus sentimentos, no qual os padres recebiam estas informações mantendo-as em confidencialidade.

O filósofo Santo Agostinho definiu que a confissão em si, não bastava, sendo necessário falar de si, isso significava que o momento da confissão refletia no reconhecimento do erro, para o propósito imediato da mudança, então, falar das relações e sentimentos interiores serviria e este propósito, na alteração subjetiva direcionada aos ensinamentos dos evangelhos se denominando como uma experiência de “graça” (MARTINS, 2016).

[...] A experiência individual e subjetiva da presença da graça, ao ser enunciada por atos de fala, deixa de ser algo incomunicável, incomensurável e intransferível e passa a ser um parâmetro compartilhado da vivência da fé cristã. É possível afirmar, assim, que a confissão e o testemunho são os elementos centrais que fazem com que a participação no divino a partir de uma circunstância vivida em primeira pessoa possa se tornar uma fonte para uma mentalidade coletiva sobre o valor da vida humana. Aquele que se confessa fala algo íntimo sobre si, algo que tem valor de verdade justamente por emanar da interioridade. Quando a confissão se refere à

experiência da graça, ao modo pelo qual Deus se manifestou como elemento que ilumina a consciência, essa manifestação da verdade é testemunho da fé e da existência de Deus; esse ato de fala é, portanto, modelo de iluminação. Agostinho, dessa forma, é autor não somente da interioridade do eu, mas também do nexo existente entre graça, verdade e os atos de fala da confissão e do testemunho. Suas Confissões são o próprio modelo dessa articulação [...]” (MARTINS, 2016, p. 34)

Enquanto o “testemunho” se assemelha ao anterior, porém, este seria falar de si na perspectiva da *graça* para Santo Agostinho, o testemunho seria um tipo de narrativa acompanhado com o nexo existente da graça. A distinção dos dois tipos de narrativas no contexto cristão assume papel fundamental nas experiências individuais, sendo adotadas por muitos para relatarem de si e criarem no futuro seu “antes” e “depois” para refazerem seu mundo atual (BISPO, 2019; MARTINS, 2016).

De modo semelhante às mulheres religiosas, sejam do neopentecostal ou regidas por outra ordem doutrinária, continuam tendo e fazendo certas obrigações, com os(as) filhos(as) e com o esposo, até mesmo como devem agir se comportar em determinados espaços. De modo semelhante, realizei em parceria com a professora Dra. Mariane Pisani uma pesquisa na qual percebemos certos valores que as mulheres evangélicas carregavam consigo, influenciando nas suas vidas privadas e públicas.

É a religião quem dita “o certo” e “o errado”. Quem porventura não se enquadre nas regras religiosas estará cometendo pecado. Pudemos perceber a partir das respostas das nossas interlocutoras que elas têm funções estabelecidas dentro e fora do lar, e mais, que essas funções são orientadas por preceitos religiosos. Os papéis de gênero são delineados e reforçados a partir da prática religiosa. [...] Deste modo, podemos perceber que os corpos das mulheres religiosas conformam-se e adequam-se de acordo com um propósito religioso. Ser mulher é manter seus deveres/função para com o lar, esposo e filho/as. Da mesma forma, vestimentas e maquiagens precisam seguir um padrão bastante específico que conversa e articula diferentes noções de gênero e religião. (PEREIRA; MARIANI, 2020, p.7-8).

## **6.2 Dados da pesquisa qualitativa realizada em 2019**

A partir da leitura dos autores clássicos das Ciências Sociais, percebemos que a necessidade de explicar o mundo, faz com que as sociedades criem sistemas religiosos que vão atribuir valores éticos, morais e de controle às relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, distinguindo práticas e condutas tidas como “profanas” e “sagradas”.

Uma vez que ambas as categorias preconizam e determinam formas de ser, agir, pensar e existir no mundo. Então, nosso objetivo foi mostrar como as categorias Gênero e Religião aparecem intimamente articuladas na vida de um grupo de mulheres moradoras da cidade de Tocantinópolis, norte do estado do Tocantins.

Nesta direção, em 2019 participei do Grupo de Pesquisa ANTROPOS, coordenado pela professora Dra. Mariane Pisani, e no mesmo ano realizamos uma pesquisa dividida em duas etapas. A primeira etapa consistiu na elaboração de questionários pelo *Google Forms*<sup>7</sup>, questões que poderiam ser interessantes e que ajudassem a desvelar as maneiras pelas quais as religiosas pensavam o conceito de “mulher”, bem como as relações de gênero advindas dessa conceituação de uma perspectiva da própria religião. Após a construção dos questionários o mesmo foi compartilhado por mim a conhecidas religiosas e estas por sua vez às outras através do *WhatsApp*.

Nessa primeira etapa contamos com 18 (dezoito) participantes. As respostas delas foram cuidadosamente compiladas e analisadas. A partir dessa análise constatou-se a necessidade de aplicação de um outro questionário mais específico com perguntas mais direcionadas sobre as relações de gênero no contexto da religião.

Neste segundo momento da pesquisa deslocava-me até as casas das interlocutoras para aplicar o questionário, todas as questões foram respondidas individualmente. Durante algumas entrevistas foi necessário explicar de modo mais pedagógico as perguntas em seus pormenores. Do total de 23 entrevistadas, cinco afirmaram serem pastoras, no entanto, apenas uma possuía formação na área, enquanto as outras utilizavam-se do título do marido para assim serem designadas. A seguir, apresentaremos as perguntas contidas no segundo questionário e as respostas das interlocutoras. Ressaltamos ainda que utilizaremos partes do artigo submetido à Revista Escritas da Universidade Federal do Tocantins (UFT), que ainda não foi publicado.

Na segunda etapa da pesquisa, um segundo questionário foi elaborado<sup>8</sup> e teve como objetivo principal compreender como as categorias de Gênero e Religião aparecem intimamente articuladas nas vidas das mulheres. Este segundo questionário foi aplicado, ainda em 2019, de maneira presencial, o que conseqüentemente transformou o momento de aplicação do questionário em uma entrevista semi-dirigida. Nessa segunda etapa de pesquisa, 23 (vinte e três) mulheres participaram sendo que algumas delas já haviam participado da primeira etapa de pesquisa. Todas responderam às questões individualmente.

Precisamos ressaltar ainda que durante a segunda etapa da pesquisa, caso as interlocutoras não tivessem total compreensão da pergunta, a entrevistadora explicava os pormenores. Da mesma forma, caso a entrevistadora não compreendesse a resposta da

---

<sup>7</sup> Depois de colhidos os dados no *google forms* compilamos no *excel*. Disponível neste link [Questões de Gênero e Religião.xlsx - Planilhas Google](#)

<sup>8</sup> Link para acessar as perguntas aplicadas as mulheres religiosas, as respostas não constam aqui por terem sido respondidas na folha A4, disponibilizada em: [Questionário Mulheres Religiosas.docx - Documentos Google](#)

interlocutora, solicitava mais explicações a fim de complementar o questionário.

As 23 mulheres entrevistadas na segunda parte do trabalho moram em um bairro recém criado na cidade de Tocantinópolis, região norte do estado do Tocantins. O bairro em questão nasce como um espaço para abrigar aquele(as) que não possuíam moradia própria. A configuração econômica do bairro é relativamente diversificada, no entanto, sua grande maioria pode ser definida como pertencentes às classes economicamente desfavorecidas. Por motivos de ética e de segurança das interlocutoras dessa pesquisa, manteremos o nome do bairro bem como o nome das mesmas em total anonimato.

Durante a aplicação dos questionários e a condução da entrevista percebemos que a maioria das mulheres declararam-se frequentadoras da Igreja Evangélica, de orientação pentecostal - a Assembléia de Deus. Do total de 23 entrevistadas, cinco afirmaram serem pastoras. Contudo, apenas uma possuía formação na área, enquanto as outras utilizavam-se do título do marido para assim serem designadas.

Entendemos que essa pesquisa se justifica na medida em que na configuração da sociedade brasileira tanto a categoria de Gênero, quanto a categoria Religião exerceram (e ainda exercem) grande influência na construção dos papéis considerados adequados aos homens e mulheres. Nos quais as últimas foram ensinadas através do tempo, a partir da perspectiva cristã, a subjugarem-se ao patriarca da família, seja ele o pai, o marido ou mesmo um homem mais velho (irmãos, tios). Apesar das muitas conquistas políticas – influenciadas em sua maioria pelo movimento feminista – bem como as intensas transformações culturais, muitas mulheres religiosas ainda repetem esse padrão de subordinação à igreja e ao modelo patriarcal de arranjo familiar. Logo essa pesquisa se propõe a evidenciar como esses papéis e relações de gênero são articulados pelas mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis.

### **6.3 As relações de gênero advindas da compreensão do que é ser mulher para mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis**

Os dados aqui apresentados são fruto das compilações feitas nos dois questionários (primeira e segunda etapas de pesquisa) aplicados pelas pesquisadoras. Cabe ressaltar que as palavras ou frases que estiverem entre aspas duplas fazem referência às falas, expressões e/ou termos empregados pelas interlocutoras. Já as palavras ou frases que estiverem entre aspas simples fazem referências às perguntas das pesquisadoras.

Uma das primeiras perguntas que fizemos às interlocutoras foi: ‘O que é ser mulher?’. A grande maioria delas respondeu conferindo a sua existência uma atribuição divina. Ou seja, para elas ser mulher é um privilégio concedido por Deus, que deveria ser vivenciado com admiração. Ainda nesse sentido, para nossas interlocutoras “ser mulher é exercer com competência várias funções no lar”, da mesma forma ser mulher é “ser boa mãe, esposa, companheira, amiga e avó”. Ser “adjutora do lar” também foi uma expressão que surgiu nos discursos das interlocutoras quando questionadas sobre o que era ser mulher. À “adjutora do lar” caberia o papel de amenizar conflitos internos do espaço doméstico em prol de manter o ordenamento. Ainda sobre esse termo êmico, estariam incluídos os cuidados para com o marido. Dessa forma, elas descreveram as seguintes ações: auxiliar o esposo; sempre tentar animá-lo em momentos difíceis; não atormentá-lo com problemas domésticos; não estimular brigas de casal.

Algumas entrevistadas afirmaram nunca ter parado para refletir sobre o significado de ser mulher. Duas delas recorreram aos maridos pedindo conselhos nesta resposta em particular. As respostas delas foram no sentido de dizer que ‘ser mulher’ é “ser esposa, companheira, amiga, boa mãe”. Podemos afirmar que nenhuma das respostas dadas pelas interlocutoras (seja nos questionários do *Google Forms* ou nas entrevistas presenciais) foram em tom de voz pesaroso ou mesmo negativo. Havia entre elas o sentimento de orgulho de ‘ser mulher’, sobretudo mulher religiosa, bem como uma forte sensação de dever, a partir deste lugar, para com a família. Podemos afirmar a partir dos relatos, portanto, que ‘ser mulher’, para as interlocutoras desta pesquisa é sinônimo de manter a estrutura e o equilíbrio da família nuclear.

Quando questionadas sobre ‘quais os cuidados a mulher religiosa deve ter com seus filhos’, elas foram assertivas em comunicar que “cabe à mãe o dever de aconselhar os filhos”. Ou seja, a mulher religiosa que é mãe precisa “precisa ser exemplo” e ensinar a direção que os filhos e filhas devem seguir. Essa direção e caminhos que devem, necessariamente, estar relacionados à doutrina da Igreja, pois “educar é ensinar nos caminhos que eles devem andar, servindo a Deus”. Caso a mãe não seja um exemplo para seus filhos, ela não terá legitimidade para direcioná-los e estará exposta aos questionamentos. Elas disseram ainda ser de extrema importância “cuidar” de suas falas em frente aos mesmos. Posto que os “pais, não irrite seus filhos, antes criem-nos segundo a instrução e os conselhos do senhor”. A interlocutora em questão buscou em um versículo bíblico (Efésios, capítulo 6, versículo 4) a resposta para a pergunta realizada pelas pesquisadoras.

Outra pergunta realizada pelas pesquisadoras foi ‘o que significa ser mulher religiosa/virtuosa dentro e fora do espaço religioso?’ e junto desta pergunta outra que servia de complemento também foi empregada: ‘existe algum código de vestimenta/maquiagem adequado a ser seguido pela mulher religiosa/virtuosa dentro e fora do espaço religioso?’. Segundo algumas entrevistadas “nem sempre uma mulher religiosa é uma mulher virtuosa”. Nesse sentido, 08 (oito) entrevistadas distinguiram a diferença entre mulher “religiosa” e mulher “virtuosa”. A mulher “religiosa” seria aquela que pode ser vista perante a comunidade como uma pessoa que segue os princípios religiosos, tanto em seus ensinamentos quanto no comparecimento na Igreja. Seria aquela que “não desvia o seu olhar e caminha em direção a outros espaços”. É aquela mulher que “está sempre ancorada na palavra de Deus”. Além de ser uma mulher bondosa, que edifica o seu lar, é exemplo dentro e fora do espaço religioso. Uma das interlocutoras afirma: “Os outros precisam ver em mim o Espírito Santo”.

Já a mulher “virtuosa” é aquela que edifica o seu lar, ameniza os problemas que porventura apareçam. É uma mulher que “é temente a Deus nas atitudes e comportamentos”, da mesma forma “tem que saber ouvir o marido e também o aconselhar em eventos futuros”. É aquela que sempre se dispõe em resolver tudo, seja em casa, com o companheiro e/ou com os filhos. Além disso, é uma mulher serva de Deus: “temente a Deus, submissa, obedece aos mandamentos do senhor”.

Sobre os códigos de vestimenta e de maquiagem que elas usam podemos afirmar que as respostas foram consensuais entre as interlocutoras. Todas declararam que deveriam se comportar de maneira a “preservar o recato e o bom senso, dentro ou fora da Igreja”. Segundo elas, “uma mulher religiosa deve manter uma postura de respeito que sirva de exemplo aos outros de sua comunidade e que demonstre que ela obedece a Deus”. Segundo as interlocutoras, “muitas mulheres não sabem se comportar”. Ou seja, “vestem roupas que não coincidem com os ambientes em que estão”. As roupas, via de regra, precisam estar em um tamanho adequado “vestidos e saias precisam estar na altura abaixo do joelho”. Por conseguinte, as vestimentas adequadas devem cobrir o corpo: as blusas devem possuir mangas compridas; as saias devem ficar abaixo do joelho; da mesma forma deve ser o comprimento dos vestidos; caso usem blusas de alças, deveriam vestir um casaco ou algo de manga comprida que fique por cima da blusa. Para as interlocutoras esse padrão de vestimenta “indica decência e respeito dentro do espaço religioso”. É prerrogativa e um consenso entre elas que “as vestimentas não devem atrair olhares do sexo masculino”.

Sobre o uso de maquiagem as respostas também entraram em consonância, seu uso deveria ser simples e discreto. As cores – para batons e sombras – devem ser claras e suaves. Brilhos, *glitter* e batons escuros não podem ser utilizados. Alguns afirmaram ainda que para ir à Igreja não se deve utilizar qualquer tipo de maquiagem. Nestes casos, a maquiagem só deveria ser utilizada em alguma festividade ou comemoração que não fosse propriamente dentro da Igreja, mas que estivesse necessariamente associada a esta.

A antropóloga e jornalista Bárbara Altivo analisa o livro *O Casamento Blindado – o seu Casamento à Prova de Divórcio*, escrito e publicado no ano de 2012 por Cristiane Cardoso (filha do bispo Edir Macedo) e seu esposo Renato Cardoso. Altivo percebe que o livro prescreve condutas e comportamentos adequados, bem como dispõe de conselhos que devem ser seguidos por casais heterossexuais para que seus casamentos perdurem toda a vida, ou seja, permaneçam “blindados”. O livro apresenta as seguintes questões:

- 1) A defesa da fé inteligente, conceito aparentemente paradoxal, que vincula o comprometimento religioso com uma postura racional de resolução de problemas das relações amorosas; 2) a lógica de um casamento-empresa, que controla as emoções dos cônjuges em prol de um matrimônio estável, duradouro e próspero; 3) a reafirmação de uma diferença natural entre homem e mulher, que coloca o masculino na esfera da razão e a mulher no polo dos afetos; 4) blindagem do casamento contra diferentes tipos de ameaças do mal, tanto espirituais quanto psicológicas e sociais (ALTIVO, 2016, p. 178).

Ainda segundo Altivo “podemos entrever linhas de forças que conflagram subjetividades profundamente marcadas por compromissos de gênero inscritos num modelo familiar” (ALTIVO, 2016, p. 178). Da mesma forma, a autora nos diz que Eva ao atrair o seu companheiro Adão para o pecado (através da mordida no fruto proibido, a maçã), faz com que ambos sejam expulsos do paraíso. “A famosa queda (*do paraíso*) deflagrou o princípio do conflito, da diferença radical que determinou que homem e mulher tomassem lugares simetricamente opostos na relação (*conjugal*)” (ALTIVO, 2016, p.181, grifo das autoras).

De acordo com Durkheim, como já visto anteriormente, o “profano” e o “sagrado” são duas categorias dicotômicas que estão presentes no cerne das religiões, sobretudo aquelas de origem cristã. As noções de sagrado e profano estiveram presentes nas falas das interlocutoras desta pesquisa; seja nas formas como elas descreveram o que é ser mulher; ou ainda nos comportamentos que foram elencados quando do cuidado para com o lar, os filhos e os maridos; ou ainda nas maneiras adequadas de se vestir e maquiagem, ou seja, como elas devem exteriorizar seus corpos nos espaços públicos. Da mesma maneira as noções de sagrado e profano foram evocadas nos momentos em que elas falavam sobre sexualidades

divergentes. Para elas a homossexualidade é uma conduta profana, pecaminosa, que deve ser coibida.

As entrevistadas deixam evidentes que os papéis de gênero de homens e mulheres, bem como as sexualidades que devem ser seguidas, são orientados e construídos a partir dos ensinamentos religiosos. É a religião quem dita sagrado (“o certo”) e o profano (“o errado”). Quem por ventura não se enquadre nas regras e prescrições religiosas estará cometendo pecado. Pudemos entrever a partir das respostas das nossas interlocutoras que elas têm funções estabelecidas dentro e fora do lar, e mais, que essas funções também são orientadas por preceitos religiosos.

Segundo as entrevistadas, a vida e comportamentos da mulher cristã mudam no momento em que elas “escolhem viver para Deus”. Para isso, as atividades do mundo mundano e não-religioso se tornam distantes e inacessíveis, ou nas palavras delas “todas as coisas são lícitas, mas nem todas me convém”. Nesse sentido, as festas e os eventos sociais que não sejam promovidos pela Igreja são interditados. Da mesma forma lugares que vendem bebidas alcoólicas não devem ser frequentados; e pessoas que consomem álcool e/ou cigarro não podem fazer parte do círculo íntimo e/ou próximo delas. Algumas interlocutoras afirmam que “foi necessário abandonar o mundo para viver como Deus queria”, afinal para elas, este comportamento é o correto a ser seguido. Essas mulheres afirmaram que suas Igrejas não restringiam-nas em suas liberdades individuais, pelo contrário, diziam-se livres para fazerem o quisessem, porém “nem tudo que queremos deve ser feito”. Pudemos perceber que a maioria das mulheres entrevistadas não reconhecia a Igreja enquanto uma instituição de poder, ou mesmo de controle que restringe ou limita determinadas condutas. Segundo elas, “as Igrejas tem suas normas que devemos cumprir, para então viver conforme seja a palavra genuína de Deus”.

No contexto das nossas interlocutoras, os seus corpos, vidas e experiências são conformados e adequados de acordo com os propósitos religiosos da doutrina que elas seguem. Ser mulher, portanto, é desenvolver suas funções de boa mãe, boa esposa e adjutora do lar. Da mesma forma, ser mulher é performar uma papel de gênero que inclui noções do que é sagrado, de acordo com a religião seguida, e que vai ao encontro às noções de recato (nas vestes e na maquiagem, por exemplo) e sexualidade heterossexual.

Ainda na discussão sobre os dados de pesquisa que foram aqui apresentados faz-se necessário trazer para a discussão a teóloga Wanda Deifelt. A mesma aborda a teologia de



uma perspectiva feminista e inovadora, uma vez que questiona as concepções mais tradicionais do cristianismo. Na obra publicada em 1992, intitulada *Os Primeiros Passos de uma Hermenêutica Feminista: a Bíblia das Mulheres*, ela discorre sobre o contexto e processo pelo qual se deu a criação da Bíblia das Mulheres editada pela ativista feminista estadunidense Elizabeth Cady Stanton em meados de 1810.

A idéia de Elizabeth Cady Stanton com a Bíblia das Mulheres era revisar os textos que diretamente se referiam às mulheres e aqueles nos quais as mulheres são excluídas. O projeto inicial era que os comentários fossem feitos por um grupo de mulheres na Europa e nos Estados Unidos. As participantes seriam selecionadas segundo as suas capacidades acadêmicas. Algumas especialistas em grego e hebraico iriam traduzir os textos e estudar o significado de palavras-chaves nos textos. Outras iriam se concentrar em questões históricas, manuscritos antigos e versões atuais da Bíblia (DEIFELT, 1992, p. 07)

Dessa forma, as acadêmicas se encarregaram de estudar com afinco os detalhes da bíblia cristã. Ao fazer isso perceberam que apenas um terço do livro trazia passagens sobre personagens femininas e essas personagens eram representadas ora profanas (Maria Madalena e Eva), ora sagradas (Maria, mãe de Jesus). Segundo as acadêmicas, essa dicotomia era prejudicial e precisava ser revista; assim elas teceram comentários sucintos e claros que deveriam apresentar uma nova perspectiva da condição da mulher no contexto das religiões cristãs:

O objetivo dos comentários não era a elaboração de prédicas ou ensaios científicos. Os comentários eram breves para manter a Bíblia das Mulheres pequena e acessível ao público. O objetivo era mostrar às pessoas comuns que Deus não havia escrito a Bíblia pessoalmente; que a cena do jardim, descrita em Gênesis, não passava de um mito; que as mulheres não podiam ser consideradas responsáveis pelos pecados do mundo; e, acima de tudo, que a vontade de Deus não era a submissão das mulheres. Os teólogos renomados não ousariam adotar esta perspectiva porque ela iria abalar os fundamentos da fé: tirando o pecado de Eva, não haveria necessidade de serpente, queda, juízo final, purgatório, ou até mesmo um salvador. Sem a possibilidade de culpar as mulheres se arrancaria o tapete debaixo dos pés da teologia cristã (DEIFELD, 1992, p.07).

Segundo Deifeld (1992) a Elizabeth Stanton almejava desconstruir a ideia de que, na história da bíblia cristã, as mulheres eram a origem de todo ato profano e, conseqüentemente, de distanciamento de Deus. Da mesma forma, a autora buscava apresentar que a bíblia em questão foi escrita por indivíduos, em sua maioria por homens, que estavam inseridos em determinados contextos e buscavam transmitir a ideia de que as mulheres deveriam permanecer subordinadas a eles. Stanton afirma que a bíblia cristã, portanto, é uma criação literária que possui um viés que estimula e aceita o controle dos homens sobre as mulheres.

As implicações hermenêuticas da interpretação bíblica de Elizabeth Cady Stanton são delineadas na introdução da Bíblia das Mulheres. Primeiro, a Bíblia não é um livro neutro, mas uma arma política e ideológica usada contra as mulheres em sua luta por igualdade. Segundo, a Bíblia foi escrita por homens e carrega consigo as marcas de homens que apenas alegam que viram ou falaram com Deus. Nesta sua postura crítica, a Bíblia das Mulheres apresenta os primeiros passos de uma hermenêutica feminista. Até a publicação da Bíblia das Mulheres, nenhuma mulher havia participado de um comitê de revisão da Bíblia. Mas, apesar de sua atitude crítica, o comitê não acreditava que a Bíblia deveria ser descartada. A Bíblia não deveria ser aceita ou rejeitada por completo, pois os seus ensinamentos e lições variam muito entre si (DEIFELD, 1992, p. 08).

Ainda que a Elizabeth Cady Stanton trate a bíblia cristã a partir de uma perspectiva feminista, até os dias de hoje tanto a Igreja Católica quando as religiões de origem pentecostal - na figura dos seus representantes homens - ignoram essa abordagem e, assim, continuam utilizando-se de discursos que cerceiam e controlam a vida, os corpos e as liberdades individuais das mulheres. Por outro lado, encontramos lideranças femininas religiosas que possuem papel importante em suas congregações no que diz respeito à defesa dos direitos das mulheres.

Citamos o exemplo da ONG Católicas pelo Direito de Decidir, que tem representantes em mais de 12 (doze) países no mundo e que tem como objetivo principal questionar determinadas leis eclesiais, sobretudo aquelas que estão relacionadas ao aborto, direitos reprodutivos e à autonomia das mulheres sobre o próprio corpo. Da mesma forma o grupo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), fundado no ano de 2015 por Valéria Vilhena e originado a partir das discussões do Fórum Pentecostal Latino-Caribenho (FPLC), atua contra as violências contra as mulheres religiosas, seja no espaço doméstico, no trabalho ou nas igrejas. O EIG possui páginas nas redes sociais e conta com quase 09 (nove) mil seguidoras.

A partir das leituras realizadas e também das respostas das nossas interlocutoras compreendemos que as mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis percebem e vivenciam os papéis de gênero, atribuídos aos homens e às mulheres, a partir da religião. Elas encontram nas personagens bíblicas de Adão e Eva, bem como em outras personagens como Maria e Maria Madalena, modelos que orientam e prescrevem as distinções e divisões dos papéis de gênero, bem como comportamentos que devem ser estimulados ou proibidos. Assim como Eva, que nasce da costela de Adão e a ele está vinculada por meio da união conjugal, às mulheres religiosas entrevistadas encontram no ambiente doméstico, no cuidado dos filhos e do marido, o espaço para o desenvolvimento da sua subjetividade e das noções do que é 'ser

mulher'. Da mesma forma, para elas, existem padrões de vestimenta e comportamentos que são adequados às mulheres religiosas e que, conseqüentemente, devem ser estimulados. Esses padrões estão próximos da concepção que se tem sobre o que é “sagrado” e que, conseqüentemente, aproxima de Deus. Os comportamentos, vestes, lugares e pessoas que são considerados “profanos”, e que conseqüentemente afastam de Deus, devem ser banidos do cotidiano.

Nos discursos das mulheres entrevistadas percebemos um padrão heteronormativo sobre os comportamentos afetivos e sexuais. Heteronormatividade pode ser considerada, portanto, uma forma arbitrária de ditar que homens e mulheres devem ser, compulsoriamente, heterossexuais.

Da mesma forma, dita-se que existe apenas uma maneira “correta/aceitável” de viver papéis de gênero, desejos, afetos e sexualidades. Logo consideramos que as religiões, sobretudo as cristãs, podem ser compreendidas enquanto catalisadoras dos padrões heteronormativos. Da mesma forma, este padrão de fez presente nos discursos das mulheres entrevistadas, nos quais quaisquer outras formas de desejos, afetos e/ou sexualidades foram considerados “pecados” e/ou ”profanos”, devendo ser coibidos e reprimidos.

Apesar das religiões de origem cristã reiterarem a dicotomia de gênero, temos conhecimentos de movimentos políticos e sociais que são capitaneados por mulheres religiosas, como por exemplo a ONG Católicas pelo Direito de Decidir e o grupo Evangélicas pela Igualdade de Gênero (EIG), que atuam em defesa das mulheres. Essas novas associações buscam por novas interpretações da bíblia, para que os discursos de ódio e violência contra mulher possam ter um fim. Da mesma forma essas associações são espaços possíveis para atuação política e social em defesa dos direitos das mulheres religiosas, uma vez que propõem o fim da violência contra as mulheres, bem como a emancipação das mesmas no que diz respeito aos seus corpos, vidas, afetos e sexualidades.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a pesquisar a compreensão do gênero com um grupo de mulheres religiosas, algumas das motivações que faziam com que as mulheres passassem a frequentar a igreja e as estratégias que as igrejas tomavam para terem mais fiéis em suas denominações. Preliminarmente, acredito que a pesquisa conseguiu responder aos problemas e objetivos propostos.

Percebemos que as religiões de modo geral englobam diversos elementos que servem de base de estudos, sendo cada uma do seu tipo ou tendo certas semelhanças elementares. Deste modo, ao estudar um certo cuidado deve ser levado em consideração ao tentarmos formular bases conceituais para elas, desde que seja estudado com metodologia e técnica adequadas. Ainda que os dados bibliográficos pareçam amplos, tomamos cuidado em mapear as referências tendo como base a problemática de pesquisa, sendo ponto de partida e chegada de respostas.

As vertentes neopentecostais em seus canais televisivos apresentam diversos elementos que servem para pesquisas, mas aqui escolhemos partir da pesquisa bibliográfica e qualitativa, para analisar as igrejas neopentecostais, através da concepção do gênero.

As religiões configuram na crença no ser sobrenatural que nunca viu ou presenciou fisicamente e acredita em sua existência pela fé, sendo formada por pequenos e grandes agrupamentos de indivíduos, que pactuam da mesma crença, verdades e ritos. Tendo como base doutrinária o sagrado e o profano (DURKHEIM,1995), sendo um dos guias máximos para as orientações dos credos/doutrinas/religiões.

Argumenta o sociólogo Anthony Giddens:

[...] As religiões envolvem um conjunto de *símbolos*, que invocam sentimentos de *reverência* ou de *temor*, e estão ligados a **rituais** ou cerimônias (como os serviços religiosos) dos quais participa uma comunidade de fiéis. Cada um desses elementos necessita de alguma elaboração. Mesmo que as crenças de uma religião possam envolver deuses, ou não, quase sempre seres e objetos que inspiram situações de temor ou de admiração. Em algumas religiões, por exemplo, as pessoas acreditam em uma “força divina” e não em deuses personalizados e a reverenciam. [...] (GIDDENS, 2005, p. 426-427).

As religiões as quais os indivíduos reverenciam também discordam em certas situações, não concordam com tudo que é dito e praticado, nisto surgem formas para adequar os espaços seguindo outras orientações para permanecer frequentando a instituição religiosa, ou de outro modo, partem de outras estratégias táticas, seja elas nas formas “consolidante”, “tática”, “busca”, “contracultura” (WOODHEAD, 2013).

Para Woodhead (2013) o conceito de “consolidante” corresponde quando os fiéis reproduzem a desigualdade perpetuada pela igreja, à desigualdade sexuada baseada no gênero, enquanto a “tática” encontra uma forma de se organizar dentro da igreja ou mesmo fora dela por uma parcela de poder que minimamente compartilhem de experiências, e servem de apoio de solidariedade, como por exemplos grupos de mulheres, células somente de homens e/ou mulheres, ou grupos bíblicos de homens e mulheres, sem se contrapor a desigualdade de gênero.

As duas categorias - “consolidante” e “tática” são exercidas com mais frequência pelas mulheres, diferentemente da concepção de “busca” e “contracultura”<sup>9</sup>, por criarem formas que se adequem a estrutura religiosa que frequentam de modo que não afronte diretamente o discurso do sistema religioso, por acreditarem neles, na mesma proporção que buscam mais espaço para elas dentro da igreja, passando assim a criarem grupos femininos dentro da religião, estabelecendo relações solidárias entre si.

Nesta direção, temos os exemplos de mulheres que na juventude tomaram vias opostas da moralidade tradicional religiosa, como a ex-balairinha e profissional do sexo Andressa Uruch, Valéria Brunieri, Valéria Valenssa, sendo suas vidas visibilizadas pelas mídias (BISPO, 2019). Contemos também com mulheres não famosas, diferentes das primeiras, que não frequentavam nenhuma denominação assiduamente, tiveram práticas consideradas erradas, tidas como pecado e imorais na perspectiva cristã tradicional neopentecostal.

Outras por sua vez, passaram por momentos difíceis nos decorreres de suas vidas, de diversas ordens, seja por doença, falta de perspectiva melhores na sociedade, sem ter minimamente condições econômicas de sobrevivência, inúmeros outros, pois, elencar as circunstâncias é revelar as vivências cotidianas dos indivíduos.

Estes fatos sucedem da busca de uma resposta que amenizam as dores e injustiças da vida, em consequência da desigualdade econômica e social das classes populares, desse jeito, as religiões concedem respostas futuras (DAMATTA, 2004), além de justificar as situações precárias individuais o sujeito por ser pecador, com base na narrativa de Eva e Adão, no qual o primeiro comeu a maçã proibida por Deus por ser fruto concebido da árvore de Lúcifer no Jardim do Éden<sup>10</sup>, a partir de então, haveria uma outra vida após a morte que os crentes/evangélicos cessarão desde que sigam adequadamente os mandamentos bíblicos.

---

<sup>9</sup> Na concepção da socióloga Woodhead (2013) a “busca” e “contracultura” são baseadas no seguinte modo; a primeira é quando um sistema religioso se estrutura seus ideais religiosos e organizações internas pela divisão sexuada, as mulheres nessa estrutura quer a mesma posição do homem sem questionar sua estrutura hierárquica sexuada, enquanto a segunda questiona a divisão sexuada na estrutura religiosa, questionando e agem em direção a mudança.

<sup>10</sup> Narrativa bíblica contida no livro “A Bíblia Sagrada” no livro de Gênesis.

Deste modo, Bispo (2019) analisou estrategicamente como categorias analíticas as palavras “angústia” “vazio”, como fonte explicativa para o motivo pelo qual essas duas categorias são vividas pelas mulheres servindo de motivos para mudarem suas concepções subjetivas e práticas, tendo sido geradas pelas religiosidades partindo na imersão numa instituição religiosa.

Os autores citados ao longo desta pesquisa dão elementos cruciais para entendermos a proposta ao qual nos propomos neste TCC. Compreender como a categoria gênero é conceituada e vivenciada pelas mulheres neopentecostais assim como apreender as causas e motivações que as fazem se converter, para isso é necessário saber e resgatar a chegada do pentecostalismo no Brasil e o contexto social e econômico da época.

Castro (1995) expõe a chegada do pentecostalismo no Brasil, por suecos e italianos, nos anos de 1910 adiante a vertente só tendeu a expandir para as regiões do Brasil do mesmo modo como as dissidências dogmáticas religiosas. Época ao qual o país – especificamente a região Sudeste – estava passando pelo processo de urbanização e industrialização intensa, enquanto a região nordeste pela seca e carência econômica.

Foi neste contexto, que as camadas populares passaram a ingressar nas religiões neopentecostais, quando esse novo termo surge nos anos de 1960 distanciando do pentecostalismo, então, percebemos que o descaso do Estado seguidas pelas desigualdades sociais formam causas e efeitos que os sujeitos passaram a tomar os dogmas das religiões para si seguindo as falas das pregações dos pastores.

Na pesquisa qualitativa percebemos que a concepção de gênero é atravessada por uma definição religiosa (como já exposto acima), esta definição também é perpassada e criada na subjetividade das mulheres pelos discursos dos seus líderes na igreja em diferentes momentos, nas oportunidades encontradas.

Desta forma, juntando todas estas combinações do trabalho, tivemos uma visão geral da religião neopentecostal nas vidas das mulheres, pelos efeitos de causalidade circunstanciados pelo cotidiano social, político e individual nas suas vidas no qual se retomam para a religião.

Por fim, não chegamos em conclusões absolutas, mas bases iniciais para futuras pesquisas articulando as categorias de mulher, gênero e religião com mais profundidade de pesquisa a esse respeito, pois quando levamos em consideração os marcadores sociais das diferenças, que compreendem as posições das mulheres na sociedade, sendo permeadas por diferenças entre si, vindas de contextos econômicos, raciais, culturais, éticos e morais, temos

respostas diferentes para cada posicionamentos das mulheres religiosas e/ou evangélicas de origem neopentecostais.

## REFERÊNCIAS

ALTIVO, Bárbara Regina. Dever e prazer no casamento - empresa: transações regulares de controle do amor segundo a Igreja Universal. **Galáxia**, n. 32, p. 176-187, ago. 2016.

MACEDO, Ana Gabriela.; AMARAL, Ana Luíza (orgs). **Dicionário da Crítica Feminista**. Edições Afrontamento, 2005. Disponível em: <https://exaequo.apem-estudos.org/artigo/dicionario-da-critica-feminista> . Acesso em: 10 dez. 2020

BISPO, Raphael. “Deus dá uma segunda chance”: sofrer e refazer mundos em testemunhos religiosos. **Horizontes Antropológicos**, v, 25, n.54, Mai-Aug 2019.

BISPO, Raphael. O juízo da fama: Moralidades e emoções nas narrativas testemunhais de conversão no mundo artístico evangélico. **Religião & Sociedade - Dossiê Processos de conversão religiosa**. v.41, n, 01, Jan-Apr 2021.

CAMPOS, Leonildo Silveira. As origens norte-americanas do pentecostalismo brasileiro: observações sobre uma relação ainda pouco avaliada. **Revista USP**, São Paulo, n.67, p.100-115, set./nov. 2005.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **HORIZONTE - Revistas de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v.9, n.22, p. 504-533, 2011.

CASTRO, Luís Campos Junior. **Pentecostalismo: Sentidos da palavra divina**. São Paulo: Ática, 1995.

COSTA, W. de S. R. Religião na perspectiva sociológica clássica: considerações sobre Durkheim, Marx e Weber. **Sacrilegens - Revista dos Alunos de Pós-graduação em Ciência da Religião**, Juiz de Fora, v. 14, n. 2, p. 3-24, 2017.

DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2004.

DEIFELT, Wanda. Primeiros Passos de uma hermenêutica feminista: a Bíblia das Mulheres, editada por Elisabeth Cady Stanton, Estudos Teológicos, Vol./nº. 32/1, 5-14, 1992. Disponível em: [http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos\\_teologicos/article/view/955/924](http://est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/955/924). Acesso em: 08 dez. 2021.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. São Paulo: Livraria Martins Fonte Ed., 1996.

GIDDENS, Antony. **Sociologia**. 4º ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6º ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GODOY, Schmidt Arilda. Pesquisa Qualitativa: Tipos Fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**. v.34, n.3. p.20-29. mai-jun. 1995.



MARIANO, Ricardo. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, 121-138, 2004.

MARTINS, Isis Ribeiro. Moralidades e atos de fala em serviço de apoio emocional serviço de apoio emocional: modalidades laicas da confissão e testemunho?. **Religião e Sociedade**, v.36, n. 2, p, 19-43, 2016.

MONTE, Tânia Maria de Carvalho Câmara. A religião e sua função social. **Revista Inter-Legere**, [S. l.], n. 5, p. 249-255, 2013.

PEREIRA, Suellem de Jesus, PISANI, Mariane da Silva. Articulando Gênero e Religião na cidade de Tocantinópolis - TO. **Anais do 44º Encontro Anual da ANPOCS**. 2020. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt19-28/12233-articulando-genero-e-religiao-na-cidade-de-tocantinopolis-to-articulating-gender-and-religion-in-tocantinopolis-city-to?format=html>. Acesso em: 24 set 2022.

PEREIRA, Suellem de Jesus, PISANI, Mariane da Silva. **Gênero, Sexualidade e Religião desde a Amazônia: um estudo de caso a partir das experiências de mulheres religiosas da cidade de Tocantinópolis-TO**. No prelo.

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, vol. 20, nº 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

TEIXEIRA, Jaqueline. Mídia e performances de gênero na Igreja Universal: *O desafio Godllywood*. **Dossiê Religião e Mídia** • Relig. Soc. 34 (2) • Jul-Dec 2014.

WOODHEAD, Linda. As diferenças de gênero na prática e no significado da religião. **Estudos De Sociologia**, v, 18, n, 34. 2013.

ZAMBONI, M. Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia: grandes temas do conhecimento **Especial Desigualdades**, p. 13-18, 2014.